



# Contos de Rios: *histórias izabelenses*

**Ligia Mara Barros Ribeiro (Org.)**

editora  
**Virtual Books**

# Contos de Rios: histórias izabelenses

Ligia Mara Barros Ribeiro (Org.)



**VirtualBooks Editora**

© Copyright 2020, Lígia Mara Barros Ribeiro.

1ª edição

1ª impressão

(Publicado em julho de 2020)

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei no 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do detentor dos direitos, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Ribeiro, Lígia Mara Barros

Contos de Rios: histórias izabelenses. Lígia Mara Barros Ribeiro. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, Publicação 2020. E-book em formato PDF. 70p.

ISBN 978-65-5606-043-9

CDD- B869.3 Literatura brasileira. contos brasileiros. Título.



---

Livro publicado pela  
VIRTUALBOOKS EDITORA  
<http://www.virtualbooks.com.br>  
Fone / WhatsApp (37) 99173-3583 - [capasvb@gmail.com](mailto:capasvb@gmail.com)

---

**CONTOS DE RIOS:**  
**Histórias Izabelenses**

**Coordenação do Projeto de Pesquisa “Memórias das Águas Izabelenses”**

*Lígia Mara Barros Ribeiro*

**Capa**

*Paolla Martins Ribeiro*

**Ilustrações**

*Arão Davi de Assis Araújo*

*Danilo Carvalho de Souza*

*David Lima*

*Ediel Gomes Pastana*

*João Vitor Jaques de Souza*

*Karolina Kellen Silva Sousa*

*Paolla Martins Ribeiro*

*William Andrade de Oliveira*

**Preparação dos originais**

*Lígia Mara Barros Ribeiro*

**Revisão**

*Debora Linhares da Silva*

# Agradecimentos

De forma singela, gostaria de agradecer pela possibilidade de orientar, organizar e publicar este e-book. Lembrando que o ato de agradecer não é algo fácil, pois a omissão e o esquecimento podem ser danosos nesse momento.

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e pela capacidade de superação.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edilza Fontes pela sugestão feita na qualificação da dissertação e que fora acatada e trabalhada, resultando nos contos produzidos pelos discentes da *Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi*. Sinta-se homenageada.

Ao meu orientador o Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle pela calma e paciência com as quais tem me conduzido na elaboração da pesquisa e da dissertação da qual resulta esse produto.

À minha família, Vilson, Danilo e Davi, sou grata pela força diária e pela paciência. Obrigada por sempre estarem ao meu lado e por me fazerem sorrir quando queria chorar.

À família Marieta Emmi, da qual faço parte desde 2009, minha gratidão por acolherem meu projeto e incentivarem as atividades realizadas na escola.

E, finalmente, toda minha gratidão aos autores deste e-book, jovens que aceitaram o desafio de refletir sobre o meio ambiente nas aulas de História e acabaram descobrindo muito sobre o seu lugar, suas identidades, suas origens e sobre os rios izabelenses. Sou grata a todos pela disposição e paciência com essa professora sempre agitada e insistente.

Vocês se mostraram generosos e provaram mais uma vez que os limites só existem para os que não se permitem sonhar e acreditar na concretização desses sonhos. Confio no potencial de todos e faço votos de que tudo o que projetem e desejem venha a se realizar. Grata por tudo Jovens! Eis aí o fruto de uma parceria.

De coração, dedico este e-book a todos os jovens de Santa Izabel do Pará, que possam construir suas memórias a partir de todos os elementos formadores desta cidade, inclusive a natureza.

# Sumário

## **PREFÁCIO - 9**

*Wesley Kettle*

## **APRESENTAÇÃO - 11**

*Ligia Mara Barros Ribeiro*

## **O MISTÉRIO DO RIO IZABELENSE - 15**

*Aline Teixeira Barreto, Clírcia Raquel da Silva Souza, Dara Lobani Carneiro de Farias, Felipe Hiorran Mesquita Maciel, Jayane Camilly Santos Dias e Jessica da Conceição Duarte*

Ilustrações: *David Lima e Arão Davi de Assis Araújo*

## **O GAROTO DO RIO CARAPARU - 27**

*Adson Farias Lameira, Ana Luíza Teixeira Rosa, Ediane Gomes Pastana, Gabriele Conceição Dias Gomes e Magno Henrique Borges Barbosa*

Ilustrações: *Ediel Gomes Pastana*

## **A MESTIÇA DO RIO JORDÃO - 35**

*Adriano Tapajós Batista da Silva, Alice Vitória de Andrade Silva, Danilo Ribeiro Pereira, Francisca Vanessa da Silva Sales, João Paulo da Silva Souza, Kamilly Marques da Costa, Karolina Kellen Silva Sousa e Kemyly Vitoria Leal Borges*

Ilustração: *Karolina Kellen Silva Sousa*

## **ÁGUAS DO DESTINO - 43**

*Danilo Carvalho de Souza, Denilson Carvalho de Souza e Ediana dos Santos Mendes*

Ilustrações: *Danilo Carvalho de Souza*

## **MEMÓRIAS DE ÁGUAS PASSADAS - 54**

*Ana Beatriz Ferreira Freitas, Esthefany de Assis Araújo, Ivano Mathews Gaia da Silva, João Vitor Jaques de Souza e Kaio Leonardo G. Lopes Gonçalves*

Ilustrações: *João Vitor Jaques de Souza e William Andrade de Oliveira*

## **OS GAROTOS E OS RIOS DE SUA INFÂNCIA - 62**

*Carlos Aurélio da Cruz Veloso*

Ilustrações: *Paolla Martins Ribeiro e William Andrade de Oliveira*

## **Prefácio**

Histórias de Santa Izabel contadas por seus jovens moradores – é isso que Lígia Ribeiro reuniu e nos oferece nesta coletânea de contos. A leitura nos permite aprender que às margens dos rios e igarapés habitam tantas memórias quanto personagens surpreendentes. Os episódios são envolventes e revelam a sensibilidade de uma professora que sabe o valor das experiências que cada aluno traz consigo e que formam um elo com seus pais, avós e amigos presentes em uma linguagem atual e vibrante. A confiança dos alunos nesse projeto é perceptível no empenho da construção das tramas e ilustrações originais que prendem a atenção do leitor para libertar sua imaginação.

Os contos demonstram a importância da história local enfatizada pela professora nas aulas de história. Aqui a coletânea potencializa a reflexão sobre o passado da cidade de Santa Izabel, aproximando os alunos de sua realidade. Não há dúvida que os debates se tornaram relevantes e permitiram que os alunos não apenas absorvessem os conteúdos, mas se reconhecessem como sujeitos históricos capazes de produzir conhecimento. A leitura dos contos demonstrará isso.

O tema do meio ambiente nunca antes ocupou um destaque como em nossos dias, por isso, a escolha da perspectiva ambiental como questão que transpassa todos os contos é não apenas acertada como cumpre um papel social muito importante para promover uma reflexão sobre esse assunto cada vez mais em debate. Também contribui com o ensino de história atento para os problemas que passa a Amazônia, suas florestas e, em especial, os mananciais, igarapés e rios.

Ao mergulharmos no mundo imaginado pelos autores dos contos, acessamos muitas memórias afetivas de lugares e personagens que, como a boa literatura, são em alguma medida a projeção de sentimentos guardados no coração dos criadores. O trabalho coletivo dos alunos deve ser exaltado como um ponto alto da obra que retrata muito bem o cotidiano dos jovens moradores da Amazônia. O ambiente urbano e as conexões com os elementos da natureza permeando a dinâmica da cidade são registradas com muita

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

perspicácia.

A cidade de Santa Izabel sentirá orgulho destes jovens escritores não apenas pelo empenho em apresentar ao público as memórias, lugares e histórias dessa parte da Amazônia, mas, principalmente, pelo carinho com que criaram essas narrativas. Deverá também reconhecer o trabalho primoroso de Lígia Ribeiro, por dirigir e organizar este projeto que, mais uma vez, prova a importância da educação para a valorização das memórias locais e do aluno como agente histórico que potencializa o aprendizado quando participa da construção do conhecimento.

Peço licença aos leitores para encerrar minhas considerações em tom mais pessoal. Esta reunião de contos faz parte do trabalho desenvolvido por Lígia no Mestrado Profissional de Ensino de História (PROFHISTÓRIA/UFPA). Como orientador da pesquisa, agradeço por participar do projeto. Destaco seu compromisso com a tarefa de organizar os contos de forma que os alunos fossem valorizados e reconhecidos por seus talentos na escrita e também por meio das ilustrações. Sempre preocupada em conduzir o trabalho de maneira cuidadosa, apesar das muitas atribuições da tarefa docente, não perdeu o brilho no olhar enquanto preparava este material. Isso tudo os leitores perceberão em “Contos de rios: histórias izabelenses”.

Ananindeua, janeiro de 2020.

Wesley Kettle

## **Apresentação**

Os contos que compõem esta obra foram escritos pelos alunos da Escola Marieta Emmi, da turma do 2º Ano A, em 2019, como resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido nesta escola sob o título “Memórias das Águas Izabelenses”, que objetivava desenvolver nas aulas de História uma proposta de ensino que incluísse as discussões sobre a temática da natureza, primando pela noção de que sociedade e natureza apresentam conexões muito ricas para a compreensão do passado e, portanto, as aulas de História também são espaços de discussões e aprendizagens sobre o meio ambiente e sua importância para a humanidade.

Para escrever os contos, os alunos realizaram entrevistas com moradores(as) antigos(as) da cidade que informaram sobre as suas memórias a respeito dos rios e igarapés que existiam na cidade e na comunidade de Caraparu e como esses espaços eram utilizados por tais sujeitos. Várias falas desses moradores levaram os alunos a perceberem que uma marca central desta relação estava no uso desses espaços como lugar de lazer, tanto na infância quanto na juventude, sozinhos ou com familiares, além do uso constante dessas águas para pesca, lavagem de roupa e, no caso do rio Caraparu, para navegação e circulação de produtos e pessoas.

Durante o processo de pesquisa e escrita dos contos os alunos participaram de oficinas de transcrição de fontes orais (entrevistas) em fontes escritas, de produção textual e de apresentação das obras sobre Santa Izabel do Pará escritas por outros autores e como a natureza aparece ou não registrada nessas obras para que, a partir destas orientações, os alunos pudessem escrever seus contos narrando a história do município e de seus lugares de memória de forma a relacioná-la com os rios e igarapés da cidade e da comunidade de Caraparu.

É necessário esclarecer aos leitores dos motivos da inclusão da comunidade de Caraparu nessa pesquisa e a não inclusão de outras comunidades com rios que fazem parte dos distritos de Santa Izabel do Pará. Essa particularidade se deu por uma necessidade e solicitação de um dos

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

grupos dos alunos que faziam parte da turma para facilitar a realização das entrevistas e o encontro dos mesmos para a produção do conto, já que todos moram na Vila de Caraparu e necessitam de transporte escolar para deslocamento. Realizar a pesquisa e produzir um conto sobre seu local de moradia facilitaria a realização da atividade.

Os textos foram produzidos no estilo de contos, que apresentam narrativas e histórias sobre Santa Izabel do Pará, tendo suas ações desenvolvidas nos espaços naturais da cidade. Teremos, então, contos de aventura, fantásticos, de mistério, romance e conto memorialístico.

O leitor encontrará contos que, em estilos diferentes e com ilustrações, apresentam os rios e igarapés da cidade que foram pesquisados associados à história da formação do município, aos patrimônios materiais – como as escolas centenárias Antônio Lemos e Silvio Nascimento –, a antiga estação do trem da estrada de ferro Belém - Bragança, o antigo Mercado Municipal, o Clube Thália – e o centenário Círio de Nossa Senhora da Conceição em Caraparu –, dentre outros.

Vamos conhecê-los?

No conto *Mistério do Rio Izabelense* cinco amigos, liderados por Joaquim, embarcam em uma aventura para saber de uma lenda muito antiga, contada pela avó do personagem principal, D. Maria Helena. A lenda diz que os índios Tupinambá que habitavam a região, antes da fundação da Vila de Santa Izabel no século XIX, esconderam no rio Izabelense um grande tesouro. Os amigos, então, através de um mapa, seguem as pistas e navegam pelas águas dos rios que cortam a cidade de Santa Izabel em busca do tesouro escondido.

O conto *O garoto do rio Caraparu* apresenta, através do cotidiano de uma turma da Escola Municipal Simplício Ferreira de Souza, a história da professora D. Edith e do aluno Raimundo de Jesus Faro, mais conhecido como Raimundinho, que vão vivenciar experiências em sala de aula, dentre elas, a da contação de histórias sobre a Vila onde moravam. A escola está localizada na Vila de Caraparu, que é distrito de Santa Izabel do Pará, e é num desses dias de aula que Raimundinho conta para a professora, e para a sua turma, uma história muito misteriosa que ocorre no rio Caraparu que banha a Vila. A história fala de um garoto que some no rio ao se banhar com seus

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

primos e irmãos e que passa a fazer aparições misteriosas, sendo avistado apenas de longe.

Já em *A mestiça do rio Jordão*, um casal visita a cidade de Santa Izabel do Pará onde conhece uma lenda fantástica sobre um ser misterioso que costuma aparecer nas margens do rio Jordão. Sem ter ideia do que se tratava exatamente, o casal resolve ir até as margens do rio após o horário em que “a mestiça” costumava aparecer e passam a se envolver em uma trama, neste lugar, que tem um final surpreendente!

Em *Águas do destino*, um conto romântico apresenta a história de um casal de jovens que se conhece às margens do igarapé da Prainha que corta a cidade, que era ainda a Vila de Santa Izabel na década de 20 do século XX. Os dois se veem apaixonados e passam a viver as experiências de construir e fortalecer seus sentimentos perante a resistência e o conservadorismo da família da moça e de uma grande parte da sociedade izabelense do período.

*Memórias de águas passadas* é o conto do jovem João que visita a cidade natal de seus pais e, ali, faz novas amizades e desfruta da natureza abundante de Santa Izabel do Pará, com deliciosos banhos de rio. Ao mesmo tempo, tem contato com as memórias de sua família e de suas origens podendo, em seu retorno à cidade onde mora, compartilhar muitas aventuras e memórias de suas férias especiais. É válido destacar que as memórias familiares narradas nesse conto são reais e contam a história da família Jaques, da qual um dos autores do conto descende.

E, por fim, *Os garotos e os rios de sua infância* apresenta a história de uma amizade entre dois garotos que se inicia ainda na infância e se fortalece pelas experiências e aventuras nos rios da cidade e nas escolas centenárias onde estudaram juntos. Essa amizade, que é interrompida quando um dos amigos viaja para estudar e morar em outra cidade, se renova anos depois em um reencontro, já na fase adulta e com suas respectivas famílias, onde os amigos percebem o quanto seu lugar, mais especificamente os rios que cortam a cidade de Santa Izabel do Pará, sofreu uma transformação motivada pela ocupação populacional que resulta em uma grande poluição das águas, deixando-as não mais banháveis.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Com a pesquisa e produção dos contos, visamos demonstrar aos alunos/autores que a natureza está presente no espaço urbano e na Vila de Caraparu, e que ela teve usos diversos do que são a ela atribuídos no presente, ou mesmo tão diversos que não pudessem supor ou imaginar.

Dessa forma, os rios passaram a ser um item referencial para se pensar a cidade de Santa Izabel do Pará, o que permitiu aos alunos da Escola Marieta Emmi refletirem sobre a importância da natureza e de seu estudo nas aulas de História, percebendo sua importância para o conhecimento sobre a formação da sociedade izabelense podendo, assim, olhar seu lugar de maneira mais ampla e sensível em relação ao meio ambiente e à necessidade urgente de sua preservação.

Santa Izabel do Pará, dezembro de 2019.

Lígia Mara Barros Ribeiro<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professora efetiva da SEDUC (PA), atua na rede estadual de ensino com turmas de Ensino Médio. É graduada em História (UFPA-2003), especialista em História da Cultura Afro-brasileira e Africana (FIBRA-2010) e Mestranda da turma de 2018 do Programa em Ensino de História/PROFHISTÓRIA (UFPA/Ananindeua), sendo orientanda do Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle, no qual este livro foi produzido como produto da pesquisa realizada para a dissertação.

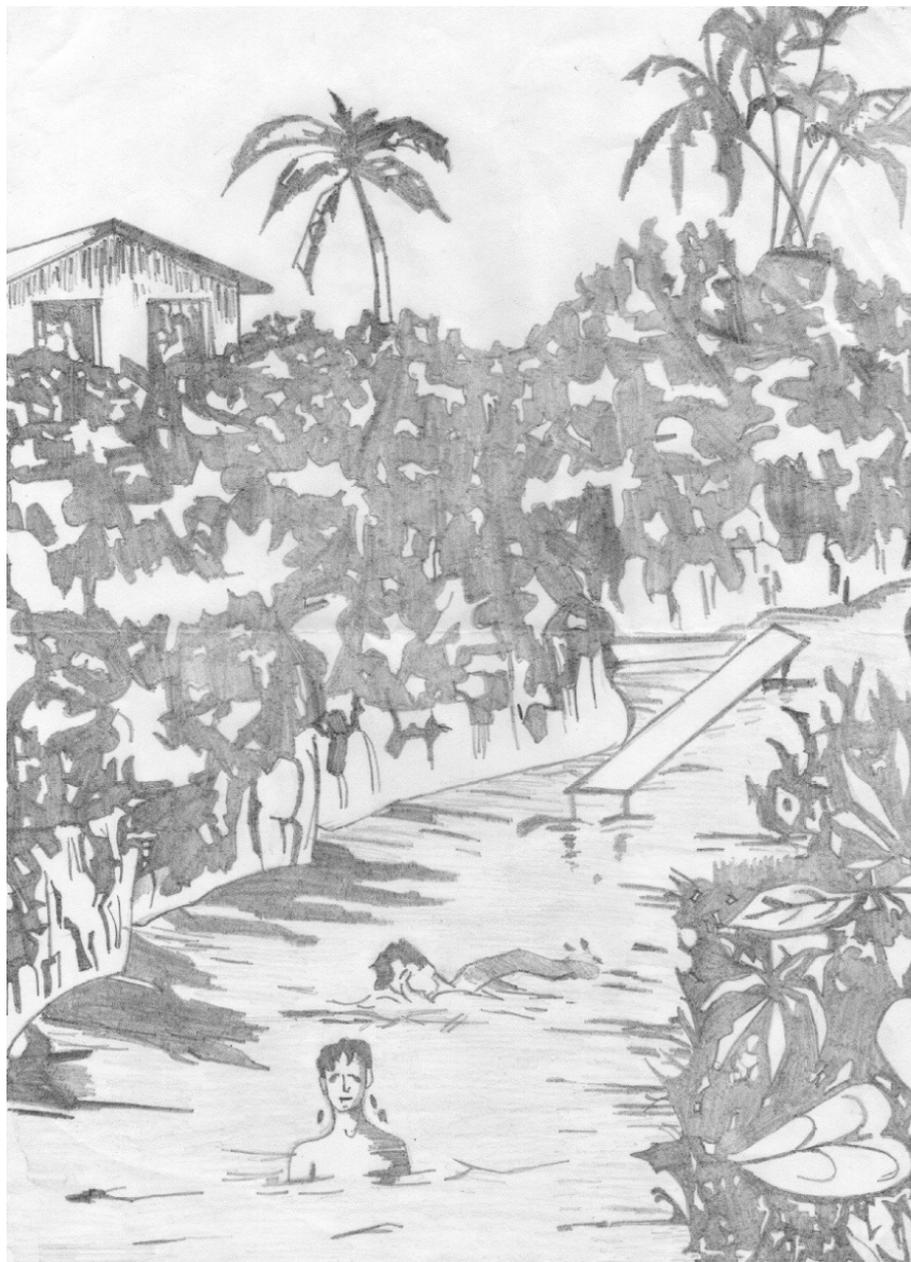
# O Mistério do Rio Izabelense

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Santa Izabel do Pará era uma pequena Vila que surgiu durante o século XIX, ocupada por imigrantes fugidos da seca no Ceará. Maria Helena, uma das moradoras mais antigas da cidade, era descendente das primeiras famílias que se mudaram para cá, sendo sua casa na 6ª travessa, que ficava paralela ao então chamado Rio da Boca, que hoje é conhecido como Rio Izabelense. Esse rio servia para a família de Maria e para várias outras famílias transportarem sua produção de farinha de mandioca, carvão vegetal e lenha através de suas águas até a capital, Belém. Enquanto isso, Maria e seus amigos usavam o mesmo rio para tomar banho e nadar, refrescando-se do calor constante e ajudando a passar o tempo, já que o rio também era lugar de muitas brincadeiras e descobertas sobre as plantas aquáticas, os peixes, as árvores na margem do rio e muito mais.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

**IMAGEM 1 – Meninos no rio<sup>2</sup>**



Muitos anos depois, Maria ainda mora na mesma cidade. Seu amor pelo lugar e as raízes familiares fizeram com que casasse e continuasse morando na mesma rua, que hoje se chama “Travessa Aratanha”. Maria tinha um neto chamado Joaquim, com 15 anos, que era um jovem magrelo, de estatura mediana, moreno, com cabelos negros e lisos. Era muito curioso e conhecido

---

<sup>2</sup> Baseado na imagem de capa do livro de José Tavares Moura Filho “Vida interiorana dos anos 20 (Memórias)”. Belém: Graficentro/CEJUP, 1989. Obs.: ilustração feita pelo próprio autor.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

por todos por ser muito perguntador. Adora dizer: *Por quê?* Além de gostar muito de ouvir as histórias contadas por sua avó.

Joaquim tinha quatro amigas inseparáveis da sua faixa etária. Clarisse e Cristiane eram gêmeas idênticas, mas com personalidades diferentes. Clarisse era esperta e agitada. Cristiane era sonolenta e calma. Eram meninas brancas, de olhos azulados, que mais pareciam grandes petecas, com cabelos loiros e muito cacheados. A outra amiga era Daiana, amiga mais próxima de Joaquim. Era uma jovem negra, de cabelos longos e ondulados, olhos verdes claros e um corpo exuberante. Todos acreditavam que Daiana e Joaquim eram namorados, mas nunca puderam comprovar, pois Daiana afirmava que gostava de outra pessoa. Ana era a mais exuberante de todas as amigas. Tinha um corpo cheio de curvas, o que fazia com que muitos acreditassem que ela não tinha apenas 15 anos. Era morena clara, cabelo liso, olhos castanhos e era bem alta, sempre chamava a atenção dos garotos da escola, pois era extrovertida e comunicativa.

Todos os dias, ao entardecer, Joaquim e suas amigas se reuniam e passavam horas e horas na casa de sua avó, Maria Helena. Brincando e escutando histórias fantásticas da região, viajavam em suas imaginações. Joaquim por ser muito, mas muito curioso, sempre indagava sua avó com suas perguntas: “*Por que isso vô? Por que aquilo vô?*”. Sua avó, com toda a paciência, respondia todos os seus questionamentos.

Maria Helena, por ser uma senhora bastante simpática e hospitaleira, sempre os recebia muitíssimo bem, com bolo de fubá e aquele tradicional café com leite. Ela adorava o espírito jovial que eles traziam quando adentravam em sua humilde casinha. Sempre os recebia dizendo: – Fico feliz que chegaram! Acabei de fazer aquele café caprichado do jeitinho que vocês gostam!

Joaquim sempre tomava a benção de sua avó e perguntava:

– Tem bolo de fubá hoje?

– Égua Joaquim! Mal chegaste na casa da tua avó e já pensa em comida!

Retrucou Daiana, um pouco envergonhada.

Joaquim responde: – Mas é claro, estou morrendo de fome! – e todos caem em uma grande risada.

Dona Maria Helena se apressa logo em responder:

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– Tem bolo pra todo mundo! Venham, vou servir bolo a vocês e contar uma antiga história que eu ouvia dos meus pais, talvez seja esta, a mais misteriosa de todas as lendas izabelenses.

Joaquim se apressa em pedir:

– Conte vovó, já quero saber sobre esse grande mistério!

– Joaquim, você sempre curioso! - exclama rapidamente Clarisse e todos começam a rir.

Dona Maria Helena responde ao neto:

– Calma Joaquim, irei contar! Essa lenda meus avós contaram aos meus pais, que contaram a mim e contarei a vocês...

“Sempre se ouvia dizer que onde os antigos índios Tupinambá habitavam, havia um tesouro amaldiçoado. Este tesouro pertencia aos deuses da floresta e era almejado por todos da região, este fora escondido próximo ao Rio da Boca. O antigo rio da Boca cortava o caminho usado pelos índios Tupinambá para se deslocar pela região muito antes do início da colonização na Amazônia, e quando a vila de Santa Izabel foi criada, seu fundador, Valentim José Ferreira, escolhe lotes que ficavam próximos ao rio para a localização, pois o rio serviria inclusive para escoar a produção dos colonos”, explicava Dona Maria Helena para que os jovens também conhecessem um pouca da história da sua cidade e a relação desta com os elementos naturais.

Continuando a lenda, explica a anciã:

“O pajé ordenou que o guerreiro Kawai escondesse o tesouro, pois quem o tivesse em mãos, se fosse digno, honrado, recebia o poder que os deuses haviam de dar, mas, quem não fosse digno, seria amaldiçoado.”

– Por que esse tesouro era tão almejado?, perguntou Joaquim.

– Porque continha muito ouro e poderes da natureza como controlar a água, o fogo, o ar e a terra., respondeu Dona Maria Helena.

Joaquim e suas amigas estavam maravilhados com o tesouro e acreditavam fielmente que aquela lenda era verdadeira.

Dona Maria Helena percebendo o grande interesse do grupo pela história e pelo tesouro avisa:

– Mas muito cuidado jovens: muitos perderam suas vidas em busca de tal tesouro!

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– Por que eles perderam suas vidas?; perguntou Joaquim.

– Porque eles não eram dignos, os únicos que conseguem alcançá-lo são aqueles que possuem um bom coração; respondeu rapidamente a avó.

– Calma Joaquim! Deixe sua avó terminar de contar a lenda.!, disse Ana repreendendo o amigo curioso e ansioso.

Continua então Dona Maria Helena: “Pois então... Ainda se ouve dizer que este tesouro está na região, porém, protegido por um grande ser misterioso...”

Alguns dias se passaram e Joaquim ainda acreditava que aquela história era real. Então, decidiu sair em busca de pistas. Ele pensou onde poderia descobrir mais sobre o tesouro e a lenda. Depois de muito pensar, decidiu chamar as amigas para sair em busca de respostas.

Chegando na casa de Ana, que ficava próximo ao Colégio Antônio Lemos, encontrou-a com Cristiane e Clarisse conversando sobre assuntos da escola.

– Oi Joaquim! Por que você está tão animado?; perguntou Cristiane.

– Eu tô com muita vontade de descobrir onde está o tesouro que a minha avó contou pra gente!; respondeu Joaquim.

– Mano, tu é doido? Isso foi só um de história de gente velha, papo furado!; afirmou Ana.

– Não custa nada querer saber um pouco mais!; disse Clarice concordando com Joaquim.

Joaquim chamou Daiana para ir à biblioteca, em busca de um livro que contava sobre as lendas Izabelenses. Passaram horas e horas procurando pistas que levassem ao tesouro. Enfim, por volta das cinco e meia da tarde, quando a biblioteca já estava quase fechando, Daiana encontrou o livro “Os Mistérios dos Rios Izabelenses”.

Ao abrir o livro, ela se depara com uma página rasgada, o que chamou muito a sua atenção. Rapidamente ela falou para o amigo: – Joaquim, veja isso!

E Joaquim deduziu: – Esse papel pode ser a grande pista que estamos procurando!

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Quando chegou a hora da biblioteca fechar, Joaquim escondeu o livro em sua mochila. A bibliotecária, bem apressada para ir embora, pergunta aos amigos:

– Meninos, já terminaram suas pesquisas? A biblioteca já está fechando!

Ao que os dois responderam os dois juntos:

– Já sim!;

E Joaquim completa:

– Aliás, encontramos aquilo que estávamos procurando! Obrigado e boa noite!

Pela parte da noite, Joaquim chamou suas amigas para irem à casa de sua avó, tentando entender o enigma daquele papel rasgado. A senhora, atenta ao comportamento dos jovens, perguntou:

– O que vocês estão fazendo?

– Estamos tentando entender o que aparece nesse pedaço de papel, respondeu Joaquim.

Ana pega o livro e fala:

– Deixa eu ver isso... Gente, isso parece um mapa! No entanto, ele não está completo.

Maria Helena percebeu que aquele pedaço de mapa parecia com a outra metade de um papel que ela tinha guardado em suas coisas e rapidamente foi procurá-lo. Quando ela achou, mostrou-o aos jovens e todos ficaram eufóricos. Joaquim sentia que o tesouro estava cada vez mais perto de ser encontrado.

No dia seguinte, era sábado e Joaquim chamou suas amigas para iniciar a busca ao tesouro, todos estavam animados! Ao se encontrarem, Daiana falou:

– Estou tão ansiosa, que nem sei por onde começamos!

– Pelo começo ué?!, respondeu rapidamente Clarice em tom de ironia. Todos riram.

O mapa iniciava no igarapé do Porangaba. Sua natureza era exuberante, cercado de árvores grandes e frutíferas. Cristiane lembrou:

– Temos que pegar frutas para nos alimentarmos durante o caminho, não sabemos o que iremos passar.

Ana concordou:

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– Verdade! Temos que pegar o máximo de alimentos que conseguirmos.

Cristiane estava certa, nenhum daqueles jovens sabia o que iriam passar durante aquela jornada. Deveriam ter muito cuidado, pois a floresta que cercava o rio continha muitos mistérios. Joaquim reforça para as amigas:

– Devemos estar sempre unidos, não podemos nos perder.

No decorrer do caminho os jovens se depararam com uma pequena canoa, o que facilitaria a sua jornada. Usando a canoa, eles percorreram os principais igarapés da cidade, como o igarapé que passava pelo bairro Miraí, que era chamado de Prainha. Este era muito frequentado pelos jovens da região que costumavam sair da escola para se divertir. Passaram também pelo igarapé que corta o bairro São Raimundo, uma parte deste igarapé passava pelo terreno da casa da família de Daiana.

No entanto, em um determinado ponto de seu trajeto pelo rio, quando já estavam se aproximando do tesouro, o tempo começou a fechar, as nuvens começaram a ficar carregadas, iria cair uma grande tempestade. Parecia que os deuses da floresta estavam irritados com a ousadia daqueles jovens.

A canoa começou a balançar de um lado para outro, até que virou. Os jovens começaram a nadar até as margens do rio. Infelizmente, todas as frutas que estavam na canoa foram perdidas quando a canoa virou. Eles estavam com muita fome, e decidiram entrar na floresta para procurar frutas novamente. Daiana falou:

– Estou com muita fome, e as nossas frutas ainda foram perdidas...

Ana lembra que deveriam procurar frutas na floresta, próximo à margem do rio. Pergunta, então, ao amigo:

– Joaquim, ainda estamos no caminho certo do mapa?

– Sim! - Responde Joaquim examinando novamente o mapa que não se molhou porque tinha sido guardado em uma sacola plástica.

Ao entrar na floresta em busca de alimentos, os jovens encontram um homem que também estava à procura do tesouro. Porém, ele era um homem ambicioso e com o coração cheio de maldade. Joaquim perguntou:

– Senhor, você poderia nos ajudar? Queremos chegar à nascente do Rio da Boca.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– Ora, ora! Por que cinco jovens querem chegar à nascente? -  
Responde o homem com outra pergunta.

– Estamos procurando o tesouro que os antigos moradores da região  
falam. - Respondeu Clarice.

– Aliás estamos desde cedo procurando. - Completou Ana.

– E estamos com muita fome. - Lembrou Cristiane.

– Que sorte de vocês de ter me encontrado! Estou com a mochila cheia  
de frutinhas. - Disse o homem com péssimas intenções, já que aquelas frutas  
eram venenosas.

Joaquim estava desconfiando da bondade daquele homem e decidiu  
não comer. Voltou até a margem do rio onde encontrou sua mochila. Quando  
retornou para onde todos estavam, percebeu que aquele homem tinha pegado  
o mapa e as suas amigas estavam desacordadas. Imediatamente Joaquim corre  
atrás daquele homem e, de repente, se depara com um ser misterioso. Joaquim  
teve a sensação que o tempo parou. Aquele ser era o guardião da floresta,  
parecia uma grande cobra com um diadema em sua face. Foi quando aquele  
diadema começou a brilhar e o guardião da floresta percebeu que Joaquim era  
digno, então decidiu ajudar.

**IMAGEM 2 – Cobra guardião**



## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

O guardião disse a Joaquim:

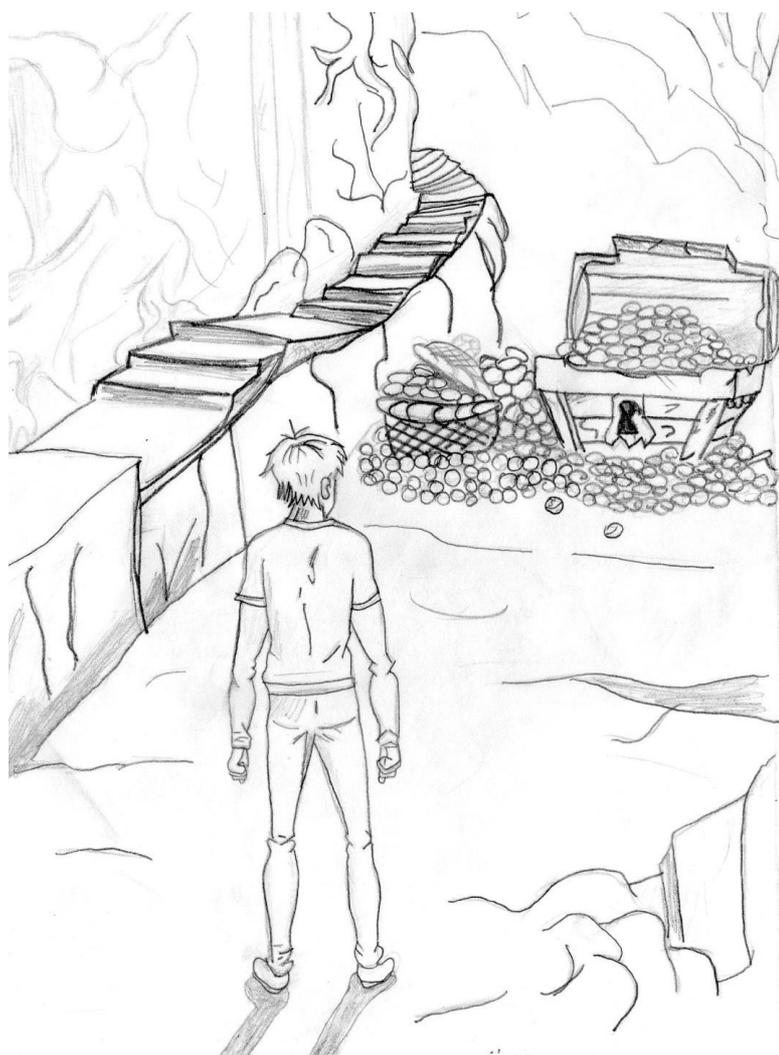
– Fique calmo meu jovem não irei machucá-lo! Vi que você tem um bom coração. O que você deseja?

– Cheguei até aqui em busca de um grande tesouro, porém, um homem mal envenenou as minhas amigas. Se eu soubesse que isso iria acontecer, jamais tinha vindo em busca desse tesouro, deveria ter deixado essa história para trás.

- Respondeu Joaquim ao guardião.

– Se você é capaz de deixar seus interesses pessoais por causa das pessoas que ama, você é digno de receber esse tesouro! Os deuses da floresta se agradaram de seu coração e lhe darão poderes com os quais você poderá ajudar suas amigas. Elas ficarão bem! E em relação ao homem mal, o destino o concederá sua devida punição. - Falou o guardião para Joaquim.

### **IMAGEM 3 – Menino e o tesouro**



## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Joaquim ficou muito emocionado. Então, o guardião o levou até à caverna onde o tesouro estava escondido para entregá-lo. A partir daquele momento, Joaquim receberia os poderes da floresta, ele se tornaria um semideus e ajudaria sua cidade e toda a natureza daquela região, além de ficar bastante rico, mesmo dividindo o tesouro com suas amigas.

**IMAGEM 4 – Mãos no tesouro**



# O Garoto do Rio Caraparu

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

A vila de Caraparu fica localizada no município de Santa Isabel do Pará que, desde 2010, faz parte da Região Metropolitana de Belém. Lá existe um dos balneários mais conhecidos da cidade, que recebe nos finais de semana muitos visitantes vindos de outros municípios do estado para desfrutar de um bom banho de igarapé nas águas do rio – que dá nome à vila – e para aproveitar da agitação dos bares localizados na beira do rio.

A história do próprio município se mistura com a da vila de Caraparu, já que mesmo antes da fundação da vila de Santa Isabel, no final do século XIX, a região do Caraparu já era ocupada e povoada com várias propriedades onde seus donos realizavam atividades agrícolas e extrativistas, utilizando o trabalho escravo que, com o passar dos anos, formou a população de várias das vilas que compõem o distrito de Caraparu, como Boa Vista do Itá, por exemplo. Hoje, no entanto, a principal atividade comercial do Caraparu é o turismo, ligado às belezas naturais e, principalmente, ao rio como espaço de lazer.

Na vila do Caraparu ocorre uma das festas religiosas mais conhecidas de Santa Isabel, o Círio de Nossa Senhora da Conceição, realizado no dia 8 de dezembro e que em 2018 completou 100 anos de uma tradição que envolve vários moradores da comunidade. A primeira parte da romaria segue pelo rio, partindo da comunidade do Cacau em uma embarcação que é usada para levar a berlinda com a imagem da Santa. Tudo é acompanhado por dezenas de fiéis em canoas menores. O percurso de canoa dura cerca de 2 horas e finda na Vila do Caraparu onde acontece a segunda parte da procissão, que é terrestre, seguindo até a igreja no centro da vila.

Mas, não é sobre as comemorações ou sobre as atividades econômicas que vamos tratar nesta história. Queremos falar de uma história de mistério e relatos que são tão antigos quanto a própria vila e que vão, certamente, intrigar ao leitor.

Falemos da escola da vila, chamada Simplício Ferreira de Souza. Seu nome se deve ao seu fundador, o Professor Simplício e esta foi inaugurada no dia 7 de setembro de 1950, funcionando até 1980 no antigo grupo escolar. Depois se transformou na escola José Ferreira da Silva (hoje desativada), abrigando atualmente o SCFV, (Serviço de Convivência e Fortalecimento de

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Vínculos - Polo) que visa ocupar o tempo ocioso dos estudantes no contra turno, com atividades esportivas e recreativas.

Enquanto se construía um novo prédio, a escola Simplício se abrigou na barraca da festividade (barraca da Santa). No ano de 2006, com a desativação da Escola José Ferreira da Silva, o nome da escola passou a ser Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Simplício Ferreira de Souza. A escola passou por uma reforma e ampliação com mais salas de aula no ano de 2012.

Em uma das turmas desta escola, mais especificamente a do terceiro ano do ensino fundamental menor, que tinha 23 alunos, lecionava a professora Edith (ou Dona Edith, como era chamada a professora mais antiga da escola). Ela era baixinha, tinha os lábios carnudos, sempre de batom e usava óculos de grau. Tinha o cabelo castanho, ondulado e cortado no estilo *Chanel*. Seu corpo era todo cheinho e os quadris bem largos. Ela sempre andava com suas duas bolsas bem grandes penduradas, uma em cada braço, cheia de livros. Algumas vezes em suas aulas, devido à longa jornada de trabalho, ela passava atividades para os alunos e acabava sentando em sua cadeira, cruzando os braços e fechando os olhos. Os alunos diziam que ela estava dormindo, mas ela sempre respondia usando seu bordão:

– Eu não estou dormindo baixinho, estou apenas descansando a vista! Eu estou ouvindo tudo!

Em um dia normal de aula e Dona Edith contava histórias antigas da Vila para os seus alunos, falava dos primeiros moradores, das antigas fazendas existentes na região e seus donos, dos escravos que ali viveram e das heranças por eles deixadas. Certa vez, a turma estava muito inquieta e desobediente e Dona Edith exclamou:

– Baixinhos, hoje vocês estão demais! Não querem se comportar! O mais travesso é você Raimundinho!

Raimundo de Jesus Faro, mais conhecido com Raimundinho, era um garoto inteligente e falador que adorava colocar apelidos nos colegas. Era moreno claro, cabelos negros, magro e com olhos bem vivos. Só tinha um problema muito grande com Raimundinho: ele costumava ser um pouco teimoso. Então, Dona Edith continuou a sua fala:

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– Para que você use melhor sua energia Raimundinho, conte uma história que você conheça sobre a vila de Caraparu e que nós ainda não conhecemos.

– Eu professora? Agora? Quer dizer, já? - perguntou Raimundinho.

– Sim baixinho, não enrole! Vou sentar para ouvir sua história junto com os colegas. - respondeu Dona Edith, sentando em sua cadeira e cruzando os braços.

Raimundinho pensou:

– De que adianta ela pedir para eu contar uma história se ela vai dormir? Ah, mas se ela dormir tudo bem, eu conto para a galera.

**IMAGEM 5 – Roda de contação de história**



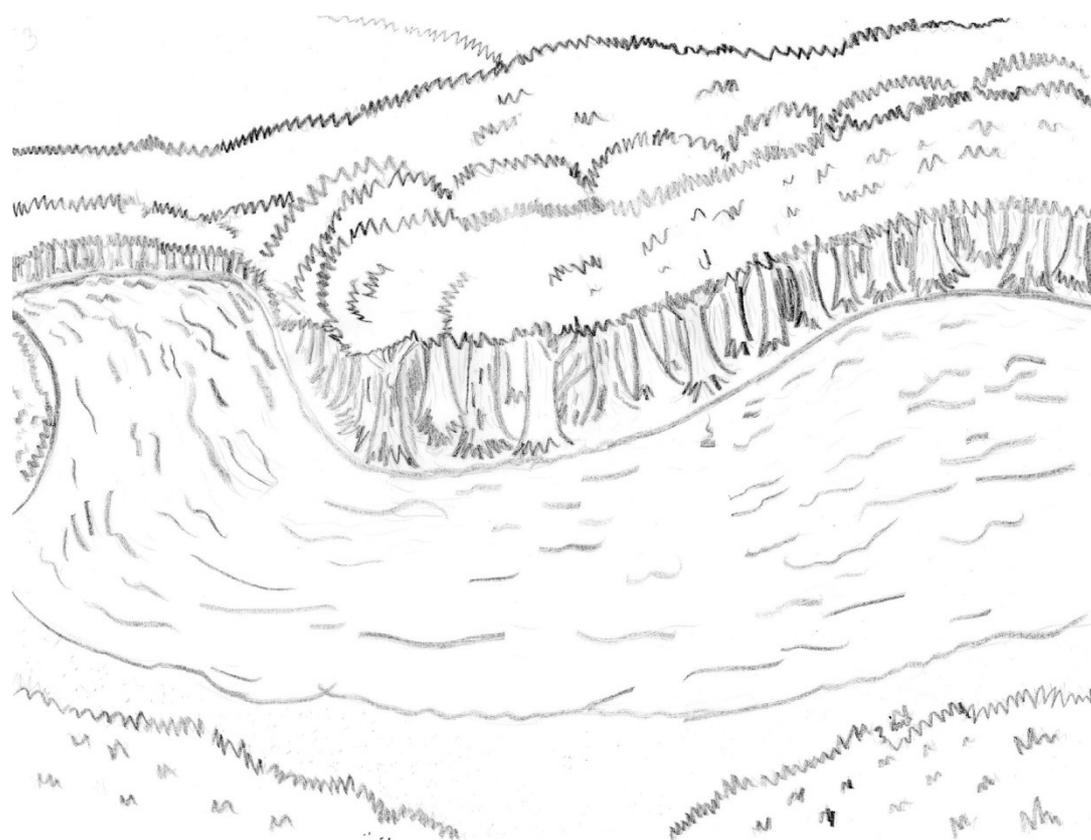
## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Raimundinho começou a conta para a turma uma história que escutou do avô. Ela contava de um fato que ocorreu na vila com uma família antiga da comunidade, chamada família Coutinho. Tudo aconteceu em um dos vários finais de tarde em que algumas crianças da família iam banhar-se no rio Caraparu. Uma das crianças, um menino de mais ou menos 8 anos, estava sentado em um tronco de árvore bem na parte funda do rio e as outras brincavam de atravessar da parte rasa para a funda do rio quando, de repente, a criança que estava sentada no tronco da árvore foi pular e ao mergulhar no rio acabou sumindo. Os irmãos e primos que estavam com ele ficaram muito agoniados e procuraram a criança por todos os cantos, mas o menino simplesmente sumiu.

Começou a escurecer e eles ainda não tinham encontrado a criança e resolveram então voltar para suas casas e contar para os adultos da família o que tinha acontecido. Todos correram para o rio e começaram a mergulhar e procurar o garoto até que anoiteceu. No outro dia, todos voltaram a buscar pelo menino, mas de novo nem um sinal da criança. A procura durou vários dias e se espalhou para um trecho bem maior do rio, mas não houve sucesso, o menino desapareceu no rio.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

**IMAGEM 6 – Margens do rio**



Alguns meses se passaram e, como era de costume, um morador bem antigo da comunidade descia o rio Caraparu, em sua canoa chamada de batelão (que era uma embarcação feita de um tronco inteiro de madeira, com velas e que não tinha bancos, pois servia para transportar produtos de comércio), para alcançar o rio Guamá e levar sua farinha de mandioca e seu carvão vegetal até o Mercado do Ver-o-Peso, em Belém, onde fazia suas vendas.

Navegando no rio alguns minutos, saindo da vila de Caraparu, o homem enxergou uma criança bem distante do seu barco que estava sentada em cima de um tronco à margem do rio. O homem foi se aproximando com a embarcação e percebeu que era um menino muito parecido com o que tinha sumido há alguns meses no rio. O menino era muito conhecido na vila e o

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

homem o reconheceu. Ele tentou se aproximar da criança, mas cada vez que o barco se aproximava da criança, ela desaparecia. Então, o morador continuou a descer o rio em seu batelão até o seu destino final, o Mercado do Ver-o-Peso.

Não conseguindo esquecer a cena que viu, o morador terminou as suas vendas e retornou à vila com a intenção de procurar a família do garoto e contar o que acontecera. Chegando à casa da família, o morador contou os detalhes do que tinha visto no rio e, então, a família do garoto resolveu ir mais uma vez à procura do menino. Eles chegaram no rio e navegaram até o ponto do rio em que o homem afirmou ter visto o garoto e, mais uma vez, não encontraram nenhum sinal do menino. A família, já sem esperanças de encontrá-lo, retorna à sua residência.

Até os dias atuais são muitos os relatos de várias pessoas que ainda dizem avistar o menino que sumiu há muitos anos atrás, sempre aparecendo em lugares diferentes do rio e nunca chegando muito próximo de quem o avista. Como o rio Caraparu é um balneário muito frequentado aos finais de semana, vários turistas afirmam que, ao descerem pelo rio, na parte um pouco mais afastada da orla, já avistaram um menino muito parecido com o que sumiu. Não somente os turistas, mas também os próprios moradores ao utilizar o rio para se deslocar até outras comunidades ou mesmo para pescar, fazem o mesmo relato.

Raimundinho termina sua história e se surpreende ao ver que a professora Edith estava acordada e muito atenta ao que ele contava. Então, ele pergunta à professora:

– Nossa professora, a senhora não dormiu?

– Não Raimundinho! Eu estava de olhos bem abertos e ouvidos atentos à sua história.

– E o que a senhora achou professora? - perguntou Raimundinho.

– Sua história é muito interessante Raimundinho, fiquei intrigada com o sumiço do menino e gostaria de saber se ainda hoje há pessoas que veem o garoto no rio?

– Bem professora, meu avô diz que muitos turistas dizem ainda ver o menino quando descem o rio.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– Que impressionante Raimundinho! Fiz bem ao ficar acordada, sua história é muito boa!

# A Mestica do Rio Jordão

## Contos de Rios: histórias izabelenses

Era uma tarde de sol em Santa Izabel do Pará. A brisa de verão soprava um bafo quente que castigava a todos. O lugar não tinha muitos atrativos, mas, com aquela quentura que fazia, a única opção era o igarapé da cidade. Um casal de turistas chamados Rômulo e Regina estavam de férias, conhecendo a cidade, e se instalaram em uma casa para passar apenas três dias, buscando muita diversão.

IMAGEM 7 – Floresta e luar



Tudo ia bem, já ao cair da noite se sentaram todos ao redor de uma mesa e, como de costume, começaram a contar histórias sobre o local. Dentre tantas, uma chamou a atenção do casal, que seria sobre uma mulher metade peixe que habitava um igarapé da cidade chamado Jordão e que geralmente aparecia à noite, por isso os moradores locais faziam uso do igarapé até às 19h,

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

depois desse horário todos iam para suas casas, pois acreditavam que algo terrível poderia acontecer caso eles sássem.

Depois de ouvir todas as histórias, e cansados do dia cheio de visões maravilhosas da cidade feitas pela parte da manhã, o casal decidiu passear um pouco para, logo em seguida, irem para seus aposentos. Durante a caminhada, quando estavam próximos do igarapé, encontraram um homem desconhecido que logo se pôs a falar com eles.

– Ei senhor! - uma voz é ouvida por Romero que olha para trás.

– Acho que ele falou com você! - disse Regina, que segurava a mão do seu marido com firmeza.

– Sim..., respondeu Romero que observou o homem com cautela. O mesmo usava um chapéu de palha e roupas rasgadas.

– Para onde estão indo? - perguntou o desconhecido.

– Estamos visitando o local, senhor. - diz Regina que ajustava o boné na cabeça.

– Acho melhor voltarem para casa. Não é seguro aqui à noite, ainda mais em beiras de rios! -disse o velho que pegou um saco bem grande, que aparentava ser bem pesado, do chão.

Depois que o homem disse aquilo, o casal não deu ouvidos e prosseguiu.

– Será que ele está falando dos ladrões? - perguntou Regina que olhou no relógio em seu pulso.

– Eu não sei querida. Deve ser.

– Ele disse que não era bom andarmos perto do rio. - observou Regina - São quase sete horas, Romero.

– Tudo bem, vamos voltar.

Chegando em seu quarto, apenas deitaram e dormiram.

No dia seguinte, todos animados e cheios de expectativas para o dia, aproveitaram bastante e, quando deu dezoito horas, Regina e Romero seguiram ao encontro de seus amigos, pois já iriam começar a ouvir as histórias sobre a cidade. A história do dia seria sobre a mulher metade peixe, conhecida na cidade e nos arredores por “Mestiça”.

Ao chegarem, seus amigos começaram a contar a história:

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

“– Era um dia normal na cidade como qualquer outro. No vilarejo havia uma jovem moça que era simpática e delicada com todos, tinha um jeito meigo e encantador, ela amava ficar à beira do rio Jordão observando.

Certo dia, ela foi observar o rio e começou a escurecer. Quando deu exatamente às 19h, a menina que estava sentada de frente para o rio pareceu estar em transe e, em seguida, ela se levantou e começou a caminhar em direção à água. A água estava fria, mas ela continuava a andar, parecia que estava tomada por algo. Quando chegou ao meio do rio, ela mergulhou e, a partir de então, ela nunca mais foi vista.

Há boatos de que ela seja a “Mestiça” uma jovem que ao sumir reaparece tendo agora uma calda de sereia, mas nada podemos comprovar, pois nunca presenciamos tal cena de perto.”.

– Você acha que isso é verdade Romero? - perguntou Regina com certo receio, porém, curiosa.

– Eu não sei, mas gostaria muito de descobrir! - exclamou com voz firme e decidida.

– Já são quase 19 horas, se quiser podemos ir lá ver e comprovar se isso tudo é verdade ou não. - disse Regina, deixando a curiosidade falar mais alto que o medo.

– Vamos agora mesmo então, venha! - afirmou Rômulo e saíram da roda de amigos caminhando em direção ao rio em busca da verdade.

– Vem comigo amor. - chamou Regina tirando a roupa e ficando totalmente nua.

– Acho melhor a gente voltar! - sugeriu o marido.

– Vai ser rápido, prometo! - diz a moça saltando na água.

Passados alguns minutos, Romero já estava agoniado porque sua esposa tinha sumido na escuras águas do rio Jordão. Percebeu um movimento estranho na água, algo muito agitado e suspeito.

– Regina? - gritou na esperança que a mesma respondesse. Seu coração começou a acelerar e então, o rapaz se aproximou, mais do rio.

– Regina é você? - ele se agachou e ficou perto da água para observar melhor.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Uma mão gélida e quase morta toca em seu ombro o deixando totalmente paralisado. Sem pensar em mudar de ação, Romero virou-se de uma vez só e levou um susto ao ver Regina.

– Buh!!! - Ela gritou e começou a pular. O corpo branco e o cabelo ruivo molhado a deixava macabra sobre a luz fraca da lua.

– Tá louca Regina? - perguntou Romero muito bravo pelo susto. Seu coração ainda batia muito rápido.

– Deixa de ser bunda mole!- disse a esposa sorrindo.

Até que a moça muda de expressão rapidamente ao ter a visão de algo por trás de seu marido. Romero vira novamente para o rio se deparando com uma mulher metade peixe e metade humana. Os cabelos emaranhados cobriam uma parte de seu rosto, as costelas eram visíveis de tão esguia que era a tal criatura, os olhos amarelados e a boca larga. Então a criatura diabólica solta um grito estridente a ponto de deixar qualquer ser humano surdo e com dores de cabeça.

Sem pensar muito, Romero grita para sua esposa correr sem olhar para trás, e Regina correu até que conseguiu se esconder atrás de uma árvore. O rapaz correu em outra direção, mas assim que deu uma rápida olhada para trás, percebeu que a Mestiça estava se aproximando cada vez mais, abrindo sua enorme boca cheia de dentes afiados. Além da boca, era possível vislumbrar a cauda com escamas cortantes e brilhantes.

**IMAGEM 8 - Sereia**



Romero puxou uma faca que carregava na cintura e apontou para a criatura que não mudou de ação e continuava a avançar. Romero dá uma

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

facada na cintura da besta e a mesma solta outro grito estridente, sinal de que a facada foi bem profunda.

A Mestiça dá um golpe com sua cauda que leva o rapaz ao chão o pegando pelas pernas. Romero deixa a faca cair no chão e, assim que vê a enorme fileira de dentes na boca da Mestiça, seu coração para e seu corpo enrijece. A criatura dá uma mordida arrancando totalmente a cabeça de Romero e segura seu corpo pela cintura ao mesmo tempo em que o sangue escorre por sua boca.

Regina, que observava tudo de longe, começa a chorar. Quando criou coragem para olhar novamente, viu que a Mestiça já havia comido quase todo o corpo de Romero. Queria ligar para a polícia, mas seu celular estava no bolso da bermuda que caiu no chão durante a corrida em busca de esconderijo. Foi quando viu que o corpo de Romero tinha sumido e a criatura também, deixando apenas sangue, roupas brutalmente rasgadas e a faca que Romero usara.

A mulher demorou um pouco até criar coragem para ir pegar seu celular e ligar para a polícia. Três horas depois, as viaturas estavam paradas de frente para Regina que chorava em cima das roupas do marido. Uma policial fardada lhe entregou uma toalha para cobrir a nudez de Regina. A mesma contou a história para a polícia, mas não acreditaram na pobre garota. Acharam que aquilo era impossível de acontecer.

Dez dias depois de toda aquela agonia e traumas, Regina foi levada ao tribunal e condenada por homicídio, por terem encontrado digitais da moça na faca e acreditavam que talvez a mesma tivesse sumido com o corpo do marido ou algo do tipo. Tentaram fazê-la falar, mas Regina apenas dizia: – Eu sou inocente!

Os policiais a levaram para a prisão, e Regina foi condenada a trinta anos.

Até hoje ninguém sabe o que aconteceu. Como podem ter aparecido digitais de Regina na faca se a mesma nunca tocou naquele objeto antes, nem sequer sabia que seu marido andava com ela na cintura.

As pessoas que moravam ali perto sabiam da verdade, sabiam que a Mestiça existia e acreditavam que Regina era inocente, só que a polícia não

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

daria ouvidos. Pobre Regina, tão nova e bela, presa por um crime que não cometeu...

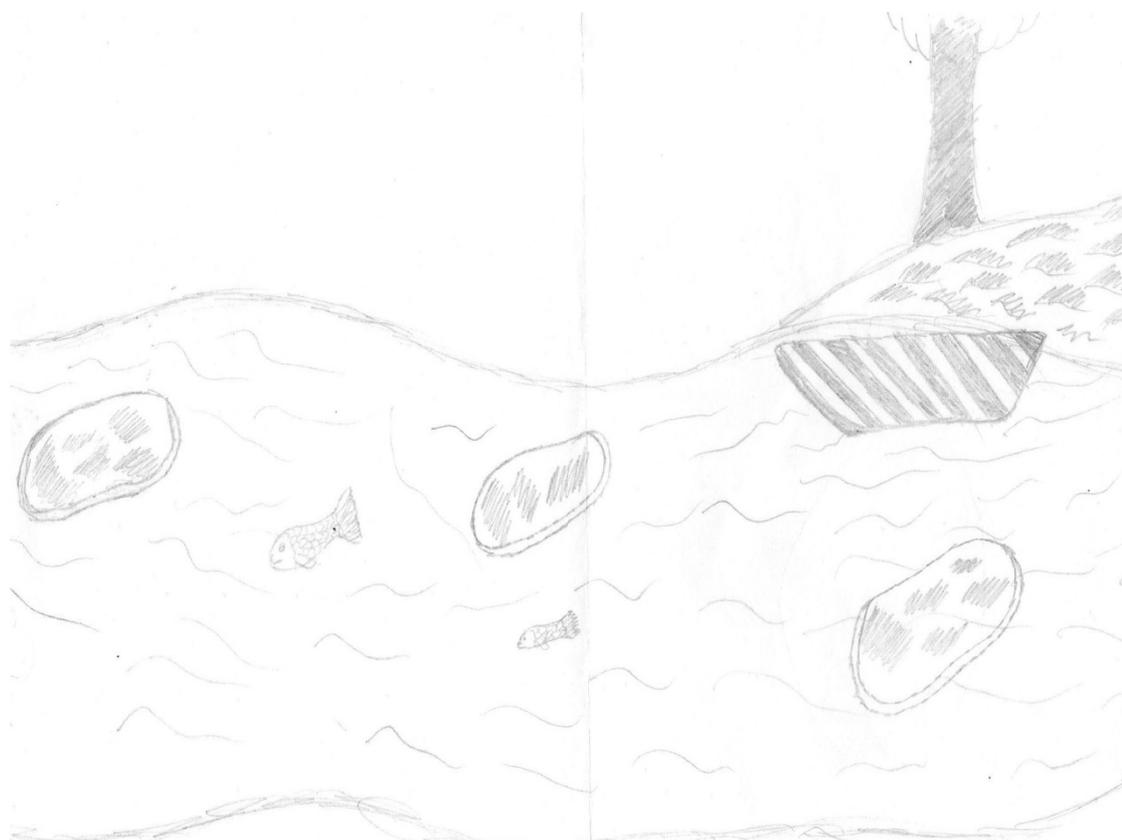
# Águas do Destino

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Essa história se inicia no final dos anos de 1920 e nos conta sobre um grande romance vivido entre dois jovens que buscavam a felicidade. Eles moravam na vila de Santa Izabel, um local calmo e que muitas vezes parecia um paraíso na terra, principalmente por conta da exuberante natureza que cercava o local. Uma mata muito grande ainda cercava a vila e as águas que cortam este lugar eram abundantes.

Muitos rios e igarapés marcavam o cotidiano dos moradores e dos visitantes que conheciam o lugar, pois em suas águas, as crianças em grupo ou acompanhadas de seus familiares, desfrutavam de momentos de lazer com muitas brincadeiras, ao mesmo tempo em que várias mulheres que precisavam melhorar sua renda usavam das mesmas águas para lavar roupas da família ou de outras famílias, sendo então os rios e igarapés um lugar de troca de experiências em grupo tanto para as crianças como para os adultos.

**IMAGEM 9 - Igarapé**



## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

É justamente à margem de um desses rios que essa história começa. Na verdade, em um trecho do rio, conhecido como Igarapé da Prainha, pois suas águas eram muito limpas e transparentes e o seu leito tinha uma areia bem fina e branca, lembrando uma praia. Os jovens que vivenciaram essa história viviam às margens do Igarapé da Prainha, mas cada um em uma margem do rio. Suas famílias eram muito humildes, bem pobres.

Certo dia, um dos jovens, chamado Bartolomeu, moço de 16 anos, branco, com cabelos castanhos claros e corpo magro, descendente de cearenses vindos para o Pará fugidos da seca que fora muito dura no final do século anterior, saiu de sua casa para ir lavar suas roupas em uma pequena ponte que havia perto da sua moradia. Isso já era um costume para ele, pois sua mãe tinha que cuidar de outros cinco irmãos menores e Bartolomeu acreditava que cuidando de suas roupas já ajudava sua amada mãe. Nesse dia, ele saiu de sua casa com uma sensação que algo bom iria acontecer com ele, então ele avisou a sua mãe que já estava de saída e foi andando para o local onde ele costumava lavar as roupas, na margem do igarapé.

Chegando ao local, ele se deparou com uma bela jovem e uma idosa, que também estavam no igarapé para lavar roupas. Bartolomeu observou que, pela quantidade de roupas que elas estavam lavando, se tratava de uma lavagem “para fora”, como se dizia na época, ou seja, a moça e a senhora deviam estar lavando roupa nesse local para ganhar algum trocado.

Bartolomeu ficou olhando para a moça, paralisado. Observou que a mesma era baixinha, com o corpo magro, pele morena e longos cabelos negros, lembrando a descrição das histórias que ouvia na escola quando sua professora falava dos povos que viviam na região amazônica antes da chegada do europeu. Nas memórias de Bartolomeu, as aulas de história eram muito interessantes e ele guardava o relato feito pela professora de que a parte mais antiga da vila de Santa Izabel havia sido povoada nas proximidades do antigo caminho usado pelos índios Tupinambá para circular no território.

Para o jovem, era como se existisse a possibilidade de uma bela manhã ele abrir a porta de sua casa e ver pelas ruas da vila um grupo de indígenas passando e carregando vários itens de alimentação em cestos, arcos e flechas

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

indo para a caça ou para defenderem sua aldeia. Enfim, imaginação de um jovem rapaz que sonhava grande em um pequeno lugar.

### **IMAGEM 10 – A bela jovem**



Mesmo um pouco envergonhado, Bartolomeu decidiu então perguntar-lhe:

– Bom dia, você é nova aqui na nossa vila?

A bela jovem lhe respondeu com uma voz macia feito algodão:

– Sim! Mudei para a vila com minha família.

O jovem ficou espantado, pois essa era a primeira vez que ele via alguém que decidia vir morar nesse vilarejo. O jovem, como era curioso, decidiu pergunta-lhe: – Como você se chama?

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

A bela jovem o responde:

– Me chamo Olívia, e você?

– Sou Bartolomeu. Moro na casa azul logo ali à frente.

A avó de Olívia olhou para o jovem com um olhar desconfiado, próprio da idade e da condição de avó protetora e cuidadosa. Enquanto encharcava as roupas nas águas limpas e geladas do igarapé, ela questionou o rapaz:

– Meu jovem, manda a boa educação que também se cumprimente aos mais velhos...

– Desculpe senhora! - respondeu Bartolomeu bastante envergonhado e apressando-se para sentar à margem do igarapé e começar a lavar sua roupa. - Um bom dia para a senhora, qual seu nome? - perguntou-lhe o rapaz.

– Meu nome é Justina. Sou avó de Olívia.

– Muito prazer! - respondeu-lhe o rapaz que não perdeu tempo e continuou perguntando. - A senhora permite que eu converse com Olívia enquanto lavo minhas roupas?

A senhora respondeu-lhe logo com outra pergunta:

– Lavando sua roupa jovem? Isso não é muito comum...

– Sim, faço isso já tem um tempo. Tento com isso diminuir o trabalho de minha mãe, já que tenho cinco irmãos menores e minha mãe também lava roupas neste igarapé para outras famílias mais abastadas da vila.

Dona Justina ficou surpresa e encantada com a resposta do jovem e sem pensar muito, logo respondeu:

– Meus jovens, conversem bastante, ficarei feliz em saber que minha neta tem um amigo tão bom. Mas lhe aviso logo: o pai desta jovem é muito bravo e cuidadoso, então tenha muito respeito com Olívia, já que sou avó e mãe dela, pois sua mãe morreu quando ainda era pequena, preciso lhe alertar que ficarei de olho em vocês sempre!

– Obrigada! - responderam Olívia e Bartolomeu ao mesmo tempo.

Começaram uma conversa que se estenderia por vários dias, já que passaram a se encontrar diariamente no mesmo igarapé. Bartolomeu passou a apresentar tanto as pessoas como os lugares da vila para Olívia. Já a moça falava para Bartolomeu das histórias da cidade de onde ela vinha que ficava na

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

ilha do Marajó. O local dos jovens no mundo passou a ser o igarapé da Prainha, de onde circulavam por dentro das águas em vários outros igarapés com nomes diferentes, pois eram todos interligados e conhecidos de acordo com o nome dos donos dos terrenos pelos quais eles passavam, como por exemplo: igarapé da Maria Pinto, igarapé Mirai, Rio Jordão.

Um belo dia, Bartolomeu aproveitou que estava se aproximando o carnaval e resolveu convidar Olívia para ir ao baile que aconteceria no Clube Dramático Recreativo e Beneficente “Thália”. Seria animado pela banda local, tocando várias marchinhas. Olívia ficou bastante animada e prontamente aceitou o convite. Entretanto, havia duas questões que preocupavam os jovens: a primeira era relacionada a entrada no clube. Por tradição, era realizada uma seleção das moças e famílias que podiam participar desses bailes, pois as pessoas consideradas de reputação duvidosa não poderiam frequentar as festas. Na verdade, a seleção levava em conta o lugar social de cada pessoa. Somente as famílias mais abastadas e influentes tinham acesso liberado ao local, o que não era o caso dos jovens.

Já a segunda questão era mais preocupante: como convencer o pai de Olívia a permitir a ida dos jovens ao baile de carnaval. O pai era muito autoritário e controlador e costumava demonstrar em casa, mesmo sem saber da aproximação entre Olívia e Bartolomeu, que não gostava da família do rapaz e, por isso, seria muito difícil convencê-lo a permitir esse passeio.

Às vésperas do baile, a jovem estava muito nervosa pensando o que iria fazer para convencer seu pai. Já o jovem esperava ansiosamente para que o baile chegasse logo, pois ele criou um sentimento bem mais forte por aquela bela jovem e ele estava planejando expressar e falar sobre esse sentimento a ela nesse baile.

Nesse mesmo dia, os dois haviam marcado de conversar melhor sobre o baile, pois, de acordo com Olívia, ela teria algo importante para falar para ele e, como uma forma de desculpa para eles se encontrarem, pegaram suas roupas e foram para a margem do igarapé em que eles sempre se encontravam.

Chegando lá, ele vê Olívia onde sempre se encontravam com sua avó lá perto sentada, descansando (o cansaço da idade chegou para ela). Ele decide ir ao seu encontro para saber o que era aquilo de tão importante que ela tinha

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

para falar. Ao chegar próximo à margem do igarapé, Olívia se levantou com uma expressão assustada dizendo:

– Finalmente chegou o grande dia!

Ele respondeu feliz, dizendo:

– Sim, hoje eu irei saber o que a bela jovem tem a dizer de tão importante para mim. Eu já não aguentava mais tanta curiosidade.

Ela o olha com olhar de assustada e diz:

– O que eu tenho a dizer para você é que o meu pai é muito rígido e não gosta muito de pessoas da sua idade, muito menos que eu tenha relacionamentos simples como amizade com meninos da sua idade.

Ele olha para ela e diz:

– Não seja esse o problema, eu converso com ele, eu tento dar um jeito de a gente conseguir ir a esse baile!

– Não acho possível que você consiga fazer ele mudar de ideia assim, se ele não gosta de você, eu não sei o que ele seria capaz de fazer! - respondeu a jovem com um tom de medo.

Então eles escutam um som de passos, cada vez chegando mais perto e, então, o jovem olha para trás e vê um homem chegando próximo a ele, até que o homem chega ao seu lado e olha para a jovem e diz:

– Minha filha com quem é esse que você conversa e cadê a sua avó que deveria estar aqui com você?

A jovem o olha e assustada diz: – A minha avó está ali na raiz daquela grande árvore, sentada, descansando!

Era o pai de Olívia que olha para o rapaz e pergunta: – Quem é você?

O rapaz o olha e responde: – Eu sou um amigo de sua filha e gostaria de saber se o senhor permite que ela vá comigo para o baile que ocorrerá no clube Thália amanhã?

O pai de Olívia o responde dizendo: – Como ousa? Minha filha não é pessoa de sair com qualquer pessoa que a convide para ir a um baile!

Ele o responde: – Mas prometo que ela será muito bem tratada! Eu cuidarei dela muito bem, o senhor verá, podemos fazer como o senhor mandar, seguiremos suas ordens.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

O pai de Olívia diz com voz de raiva: – Eu lhe digo rapaz, que a minha filha não vai sair com você, assim como não terão mais nenhuma comunicação!

Então Olívia se levantou e disse: – Pai, o senhor precisa entender que eu já estou em uma idade que não posso mais viver assim, eu preciso conhecer outras pessoas!

A sua avó se levanta e diz: – Ela está certa meu filho, se necessário for para você se sentir mais seguro, eu faço questão de ir acompanhar eles.

O pai olhou para Olívia e disse: – Já que eu sei que não irei ficar com você dentro de casa para sempre, então permito que vocês possam ir para esse baile, mas, somente se a sua avó for junto com vocês Olívia.

Eles aceitaram isso e ficaram muito felizes. O pai de Olívia voltou para a casa levando Olívia e sua avó que se despediram de Bartolomeu já combinando a hora da ida ao baile no dia seguinte.

Chegou o dia do baile e, no início da noite, Bartolomeu foi ao encontro de Olívia em sua casa para buscá-la. Chegando à casa de Olívia, Bartolomeu ficou pensando e refletindo o que ele iria falar para ela, bem nervoso. Bateu palmas e logo ele viu Olívia e sua avó saindo. Ele se aproximou e disse: – Vamos?!

Olívia e sua avó respondem juntas: – Vamos!

**IMAGEM 11 – Trajes de gala**



Eles foram para o famoso Clube Thália e lá chegando as pessoas da recepção não os deixaram entrar, pois, naquele clube, só poderiam entrar pessoas de alta classe social, pertencentes às famílias importantes da cidade, sócias do clube e que não frequentassem para dançar lugares de reputação ruim. Bartolomeu ficou triste e percebeu que Olívia também havia ficado.

Mas eles não perderam as esperanças! Bartolomeu se lembrou de um baile que estaria acontecendo naquele exato momento no Mercado Municipal e a entrada era liberada a todos. O espaço do Mercado era não só o local de comércio, mas também era onde, nas grandes festas como carnaval, as festas juninas e o Natal, havia uma festa pública aberta a toda a população, não importando sua classe ou a família da qual faziam parte. Então, Bartolomeu disse:

– Lembro-me que aqui perto, no Mercado Municipal, também está acontecendo um baile e este baile está liberado para todas as pessoas.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Olívia olha para ele e diz: – Vamos para lá então, por um acaso é muito longe?

Bartolomeu responde: – Não é longe não, é aqui perto!

Com isso, eles foram para o Mercado seguindo pela antiga Rua Cearense (essa rua hoje se chama Avenida Francisco Amâncio) e, chegando lá, puderam entrar livremente. Ao entrar, começaram a dançar enquanto a avó de Olívia procurava uma cadeira e sentou para descansar. Olívia estava curiosa e perguntou a Bartolomeu:

– Eu gostaria de saber o motivo de você ter falado daquele jeito com o meu pai, por mim, e o motivo de você não desistir desse nosso encontro?

Bartolomeu olha profundo nos seus olhos e diz:

– Desde que a gente se conheceu eu vi você como uma pessoa muito interessante, esforçada e dedicada, isso me atraiu e eu notei que você estava tão sozinha e que precisava de alguém para lhe fazer companhia. Eu decidi convidar você para esse baile, pois eu quero falar isso pra você e aproveitar para perguntar: você quer viver uma vida comigo, você me dá essa honra de iniciar um relacionamento comigo?

Olívia o olha emocionada e diz: – Isso é tudo o que eu mais quero!

Então eles se beijaram e a avó de Olívia ficou apenas olhando de longe disse a si mesma: – Eu acredito que desse relacionamento virá as futuras gerações da minha família!

A noite foi passando e eles foram aproveitando tudo o que tinham para aproveitar, até que o baile acabou por volta das 21h e Bartolomeu acompanhou as duas até a casa das mesmas e, logo após isso, ele foi para a sua casa.

No dia seguinte ao baile, o pai de Olívia estava em sua casa tomando café junto de sua filha até que alguém bateu na porta e ele foi atender. Para a surpresa de todos era Bartolomeu que dizia querer conversar com o pai de Olívia, e ele dizia ter um assunto importante para tratar. Então o pai de Olívia diz: – Entre meu jovem!

Olívia ao ver aquilo se assusta com a atitude do pai, pois era algo que seu pai normalmente não gostaria de fazer. Então Bartolomeu disse:

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– Eu vim aqui para pedir a sua permissão para que eu e sua filha Olívia iniciemos um relacionamento sério e ontem usei o baile para provar para o senhor que o senhor pode confiar de verdade em mim.

O pai de Olívia o olha e diz:

– Meu jovem, não precisa se justificar e nem dizer mais nenhuma palavra, pois nesse baile você me provou ser esse homem de bem e que eu posso confiar e permitir esse namoro, então, o que eu tenho a falar é que eu permito e quero que vocês sejam muito felizes!

Olívia correu e abraçou seu pai, bastante emocionada e disse: – Muito obrigada meu pai!

Bartolomeu segura na mão de Olívia e diz: – Muito obrigado por me conceder isso!

Então os dois saíram dali e criaram uma longa e linda história de amor que durou pelo resto de suas vidas.

# Memórias de Águas Passadas

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Era uma vez um garoto chamado João. Ele tinha 15 anos e morava com seus pais na Cidade de Florianópolis em Santa Catarina. Nunca tinha visitado seus familiares que moravam no Norte, mas, naquele ano, as coisas seriam diferentes.

Nas suas férias escolares, João pediu à sua mãe para visitar sua avó chamada Esther que morava na cidade de Santa Izabel do Pará. Sua mãe, mesmo não sendo rica e não tendo muito dinheiro guardado, conseguiu comprar as passagens e, assim, a viagem aconteceu. Era a primeira vez que o jovem viajava só e sem dúvida seria uma experiência inesquecível.

Chegando à cidade paraense, foi recebido por seus familiares. João encontrou seus primos que eram jovens, da mesma idade que ele, mas que não gostavam muito de estar na rua, por isso, quase não saíam de casa. Foi então que fez novas amizades. Dentre seus novos amigos estava Ivano (garoto que usava uma blusa do Círio da cidade, uma bermuda nada legal e um skate no qual não sabia andar direito) e Andrey (que usava uma blusa do seu time Paysandu, uma bermuda rasgada e estava com sua bicicleta verde). Os garotos eram vizinhos da avó de João.

Eles levaram João a um passeio pela cidade que iniciou passando, primeiramente, pelo colégio Antônio Lemos. João ficou curioso, queria saber sobre a origem do prédio que fora um orfanato criado na capital paraense e que, na década de 1920, veio transferido para o prédio no qual os meninos estavam em frente. Andrey era filho de uma professora de história que sempre contava sobre a história da cidade e dos pontos antigos e relacionados à fundação e origem da cidade. João queria saber mais e Andrey lhe contou que a função do prédio na vila, inicialmente, ainda era de orfanato e com o passar dos anos foi transformado em escola, aceitando alunas internas e externas e que por muito tempo a administração esteve sob o comando das freiras da congregação Filhas de Santana.

Logo após ter conhecido o colégio, levaram João em um dos balneários da cidade na Vila de Caraparú. Andrey falava a João que este não era o único balneário da cidade. No passado, o centro da cidade era recortado por muitos igarapés banháveis como o igarapé da Feirinha, chamado oficialmente de Rio Izabelense, que foi usado no início da colonização da vila de Santa Izabel para

## Contos de Rios: histórias izabelenses

a navegação e escoamento dos produtos cultivados pelos primeiros colonizadores nordestinos que viveram no lugar, além do Rio Jordão que ficava em uma rua pela qual os amigos estavam passando para ir à vila e que fora usado pela avó de Andrey e sua família para lavar roupas, tomar banho e brincar quando eram crianças na cidade. A conversa ia rolando até que chegaram à vila e então Ivano disse a João:

– Bora logo banhar que tu ainda tens muito pra conhecer né Andrey?

– É verdade João! bora logo se jogar nesse igarapé! - completou Andrey se jogando no rio Caraparu.

### IMAGEM 12 – Banho no Rio Caraparu



Após terem brincado no igarapé, foram conhecer a vila. Andrey falou para os amigos:

– Meu tio mora aqui, bora lá na casa dele tomar um açaí?

– Nem lembro a última vez que tomei açaí, acho que foi em minha casa e tinha granola! -respondeu João aos amigos muito empolgados.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Ivano, então, fala a João de forma irônica: – Mano, do açai de hoje tu não vais esquecer! Isso é que é açai de verdade!

Depois de algumas horas, de terem conversado e comido bastante, voltaram para o centro da cidade onde passaram em frente à escola conhecida como “creche” Maria José de Oliveira. Ao passar em frente da creche, Andrey falou a João:

– Olha João! Aqui onde é essa creche hoje, antigamente era uma estação de trem sabia? E nessa rua em que estamos andando, passava o trilho do trem.

– Sério?! Nossa! Não dá nem pra acreditar! - exclamou João.

Mais um pouco a frente, João voltou à casa de sua avó. Chegando lá, ele se deparou com várias comidas típicas do Pará que ela havia preparado, entre elas tinha maniçoba. João nunca havia comido antes, e quando provou gostou muito. Logo depois, super cansado de ter conhecido um pouco da cidade, João foi descansar.

Ao acordar, por volta de umas 19h30min, João encontrou seus primos jogando videogame na sala e ficou por lá jogando e conversando com eles. Contou aos primos dos lugares que tinha conhecido e das histórias que ouviu dos amigos. Até que sua avó chegou e se sentou numa cadeira de balanço no meio da sala e, olhando para seus netos, ela diz: – Olha, aproveitem bastante o João porque já já ele vai embora!

João olhou pra sua avó e disse:

– Vovó, eu gostei muito de ter passado as férias aqui! Gostei muito dessa cidade, mas eu fiquei com uma curiosidade...

– O que foi meu filho? Conte-me o que deixou você curioso? - disse a avó.

– Sabe vovó, quando eu e meus novos amigos estávamos vindo, passamos em frente à uma creche e eles falaram que lá foi uma estação de trem, só que eu fiquei curioso e querendo saber um pouco mais dessa história...

Sua avó lhe olhou e sorrindo, falou:

– Me deixa contar uma história pra vocês da nossa própria família, que envolve um pouco dessa antiga estação de trem.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

E assim foi que a avó começou a falar e horas se passaram até que João e seus primos caíram no sono. Alguns dias depois, João se despediu de seus familiares e voltou para sua cidade. Reencontrou sua mãe e seu pai, sendo recebido com muito carinho e com bastante saudade.

Quando chegou o primeiro dia de volta para escola, ele não perdeu tempo, reuniu seus amigos e foi logo contando como foram suas férias. João falou a seus amigos da escola que gostou muito dos dias que passou na casa de sua avó, porque além de fazer novas amizades e conhecer lugares diferentes, sua avó Esther contou uma história a ele e seus primos muito interessante de sua própria família.

Com isso os amigos de João (Ana, Germano, Matheus e Gabriel), ficaram curiosos para saber que história era essa e insistiram para João contar. João disse a eles: – Tudo bem, vou conta pra vocês!

Minha bisavó veio do Nordeste por conta de uma enchente, já meu bisavô por uma seca. Minha bisavó vivia numa casa muito simples e humilde no nordeste brasileiro, um dia o seu pai foi trabalhar na horta e notou que o rio perto de sua casa estava fora do comum. Foi então que ele percebeu que estava acontecendo uma rápida subida na água do mesmo e pegou um pedaço de madeira para colocar no leito acompanhando o levantamento d'água. Logo voltou ao trabalho e depois de pouco tempo veio ver a situação do rio. Notando que o graveto estava quase completamente submerso, pôs-se a colocar outras varas na água, em sequência, e então voltou para sua casa e contou à família o que estava acontecendo. Voltando para ver como estava, viu que quase todos os pedaços de madeira estavam imersos nas águas do rio. Disse então à sua família em casa: “Vou colocar esse último galho perto de casa, se ele afundar a gente vai embora”.

Assim o fez. Colocou o galho de árvore no rio novamente e depois de poucos minutos o galho sumiu, foi levado em instantes pela corrente da água. Imediatamente tirou sua família de casa, somente com as roupas que vestiam o corpo. A bisavó, ainda jovem, olha para trás, para o lugar onde nasceu e viveu até então, e viu sua casa sendo destruída pela força do rio que sempre esteve perto de sua família desde que se entendia por pessoa. Partiram então sem rumo para o Norte do Brasil, onde se falava que o governo federal dava terras

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

em troca de exploração da floresta amazônica em procura do látex que fabricava borracha.

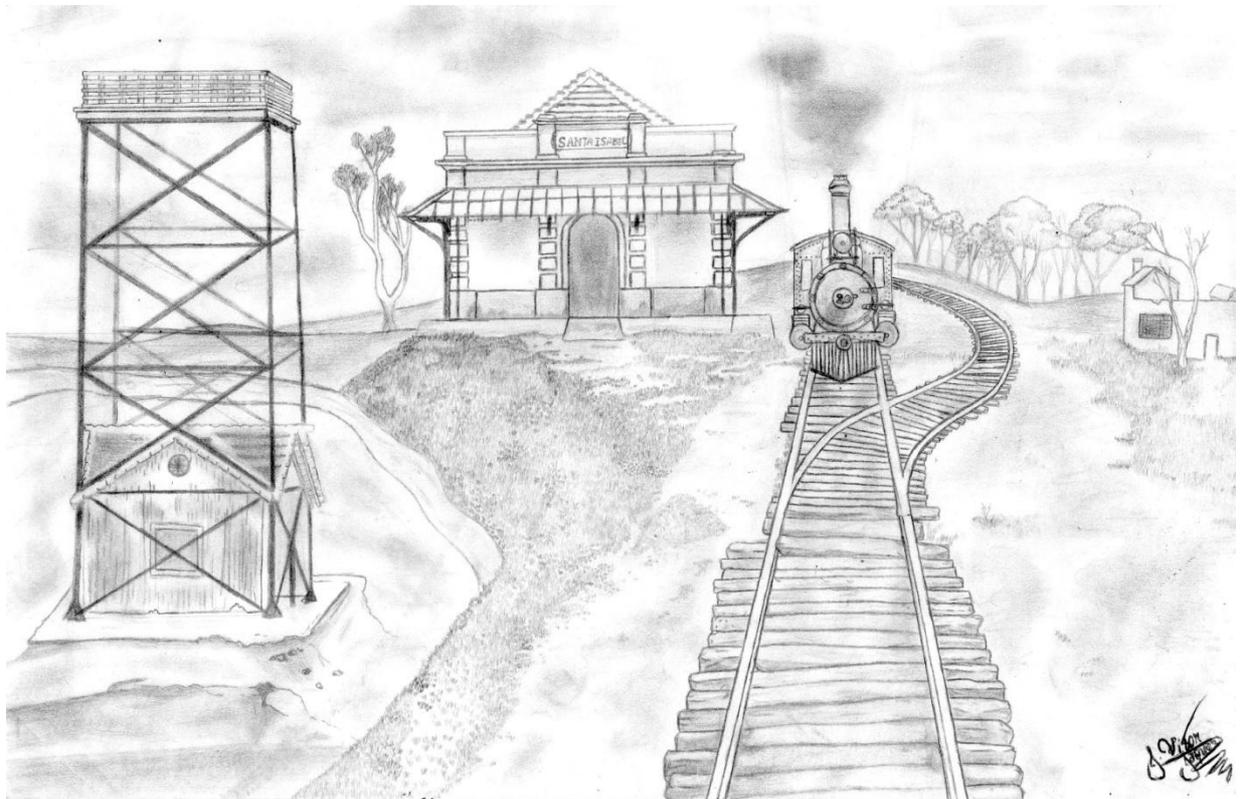
Chegando à capital do Pará, Belém, mais precisamente no lugar chamado Forte do Castelo, onde o governo fazia toda a doação de terras aos imigrantes nordestinos, a família da bisavó ganhou uma propriedade de terras numa vila chamada Santa Isabel onde é conhecida por estar bem próximo a muitos igarapés, principalmente pelo Rio Caraparu.

Suas terras eram as que hoje estão em torno de onde se localiza o “Arco Verde” (uma parada de ônibus que fica numa esquina onde há vários pontos comerciais) e a casa do Dr. Sabino, dentista (o nome da rua hoje é Rua Governador José Malcher). Esta propriedade foi dada em troca de desbravamento da mata, a procura de seringueiras de onde se extraía o látex.

Passados alguns anos, a bisavó relacionou-se com um homem da vila com o qual vivera amasiada por algum tempo. Um dia, seu esposo, ajudando a expandir para o governo os territórios da vila, estava cortando árvores com uma corda a qual era passada em volta do tronco e movimentada como um serrote a fim de derrubar a árvore. Foi então que, fazendo isto, cortou uma árvore, mas ela não caiu de imediato, girou e caiu por cima dele, o matando esmagado. Viúva viveu minha bisavó por alguns anos em Santa Isabel...

Nesta época, houve uma seca muito grande que atingiu o Nordeste e várias famílias vieram para a região Norte onde se davam terras em troca de trabalho braçal na mata, e dentre elas, a família dos quatro irmãos Jaques, que vieram em uma carroça puxada por alguns burros. Um desses irmãos era o homem que seria meu bisavô. Indo ao mesmo forte do Presépio, os quatro irmãos ganham terras separadas, meu bisavô adquire a sua na mesma Santa Isabel dos igarapés, onde vive a bisavó. Suas terras estavam localizadas onde seria a estação do trem de Santa Isabel, na estrada de ferro Belém- Bragança, paralela à atual Rua dos Correios. Seria essa a terceira estação de trem construída em Santa Isabel e hoje, no seu local, funciona a escola Maria José de Oliveira.

**IMAGEM 13 – A Estação e a Maria Fumaça<sup>3</sup>**



Por um acaso, encontra sua futura esposa e une sua vida à dela. Vivem então ali, nessas terras do meu bisavô Jaques por alguns anos até que, certo dia, o governo do estado entra em contato com o bisavô e o apresenta a proposta de dar a frente de sua terra para que seja ali a estação ferroviária e a caixa d'água para resfriar o trem. Propõe que sua casa seja construída mais atrás do terreno, tudo isto em troca de uma indenização. Meu bisavô aceita a proposta e constrói sua casa mais recuada na propriedade.

Com o rápido crescimento da agora cidade, alavancada pelo trem a vapor e pelos chamativos igarapés, a cidade perde a tranquilidade do campo e ganha constante ida e volta de pessoas e muito barulho, principalmente pela passagem do trem na ferrovia, deixando meu bisavô muito desconfortável e aborrecido. Ele entra em contato com o governo novamente e mostra sua

---

<sup>3</sup> Ilustração baseada na fotografia que está no livro de Nestor Herculano Ferreira “História do Município de Santa Izabel do Pará”. Belém: Editora Farângola, 1984.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

proposta de dar boa parte de sua terra em troca de outra, afastada da cidade, alegando que não consegue viver e acompanhar a “correria” da cidade. Assim foi feito: ganhou uma propriedade onde hoje se localiza o ramal do Cipobrás, na localidade Areia Branca. Lá viveu o resto de sua vida e acabou falecendo muitos anos mais tarde.

Os amigos de João ficaram impressionados com toda essa história da família Jaques da qual ele é descendente. Disse Ana sua amiga:

– Nossa João! Que história hein?!

João responde orgulhoso:

– É, eu também fiquei besta quando a minha avó tava me contando! Achei essa história muito legal e ainda por cima achei muito importante ficar sabendo de tudo isso.

E, assim, João e seus amigos foram para a sala de aula comentando sobre essa história. João todo orgulhoso da história de sua família sempre fala para sua mãe:

– Mãe, eu não vejo a hora de passar as férias de novo na casa da vovó!

E assim João continuou seguindo sua vida em Florianópolis, esperando ansiosamente suas férias.

# Os garotos e os Rios de sua Infância

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Era mais um dia em que Marcos estava acordando cedo para ir à escola. Seria seu primeiro dia de aula e, após fazer sua higiene pessoal, tomou café, pegou sua bike e partiu para a Escola Antônio Lemos onde cursaria o primeiro ano do Ensino Médio. A Escola Antônio Lemos é uma das mais antigas instituições de ensino do município de Santa Izabel do Pará. Passou a funcionar no final da segunda década do século XX, ainda como Orfanato Antônio Lemos e, com o passar dos anos, teve sua função alterada para escola. Seu prédio centenário é um dos principais patrimônios da cidade, pois ainda apresenta elementos que remontam ao período de grande riqueza da Amazônia, a chamada *Belle Époque*, com suas grades de ferro importadas da Inglaterra.

**IMAGEM 14 – Orfanato / Escola Antônio Lemos**



## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Para Pedro também se iniciava uma nova jornada, já que era o seu primeiro dia de aula na mesma escola de Marcos, onde cursariam a mesma série. Os dois desde sempre eram amigos, para ser mais específico, eram amigos desde o sexto ano do ensino fundamental cursado na também histórica Escola Silvio Nascimento, fundada em 1905 na margem esquerda da antiga Estrada de Ferro de Bragança e que atendia as crianças da antiga vila de Santa Izabel.

Os amigos tinham o costume de ir juntos para a escola desde quando ainda eram garotos pequenos e ganharam suas primeiras bicicletas. Marcos e Pedro eram jovens inquietos e que adoravam passear pela cidade de Santa Izabel e descobrir os melhores lugares para se divertir e fugir das regras e rotinas impostas por suas famílias.

### **IMAGEM 15 – Os passeios (caminhos na mata)**



Uma das opções de lazer e fuga dos meninos era ir tomar banho no igarapé da Maria Pinto, nome dado a um trecho do rio Jordão que passava pelo

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

terreno de uma senhora cujo nome era dado ao igarapé. Lá eles dividiam espaço com as senhoras que levavam suas bacias com muitas roupas para lavar e acabavam permanecendo a manhã inteira no igarapé aguardando a roupa quarar<sup>4</sup> para depois enxaguar e ir para suas casas colocar para secar.

Era no final do trabalho dessas senhoras que Marcos e Pedro chegavam ao igarapé e se jogavam sujando a água que as senhoras usavam e, por isso, levavam sempre uma bronca. Mas nem os meninos e nem as senhoras ficavam com raiva, pois aprenderam a dividir aquele espaço natural e aproveitar, cada um à sua maneira, o que a natureza gentilmente lhes proporcionava tão próximo às suas casas.

Entretanto, naquele primeiro dia de aula, os amigos foram separados à escola. Encontraram-se no portão de entrada, um pouco depois das seis e trinta da manhã e ficaram conversando ali na frente da escola mesmo, até o horário de entrar que era às sete horas. A conversa deles era a de sempre:

– E aí mano, tudo de boa? - perguntou Marcos.

– De rocha mano, tudo na boa! - respondeu Pedro.

– Qual será a aula de hoje hein? Primeiro dia nunca se sabe ao certo?! - falou Marcos abrindo um sorriso.

– Mano, tomara que não seja de matemática. Tu és doido é! Odeio! - respondeu Pedro sorrindo, mas também um pouco ansioso.

– Égua mano, eu gosto! É legal cara, você vai gostar, tenho certeza! - afirmou Marcos a Pedro, que logo mudou de assunto e falou com um sorriso de canto de boca

– Mano, e as gatinhas hein?

– Égua Pedro, eu confesso que quero conhecer alguma que dê certo comigo sabe. - respondeu Marcos.

Pedro responde bem rápido ao amigo:

– Mano, sai dessa! Pra mim, quanto mais eu pegar, melhor! Mas eu quero dar uma estudada legal também, pra passar logo e ir trabalhar quando eu terminar esse Ensino Médio.

Marcos então afirma para seu amigo:

---

<sup>4</sup> Desencardir com a ação do sabão grosso em contato com o sol.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– É mano, eu quero sair do Ensino Médio e fazer faculdade, ainda não decidi o que, mais eu quero fazer!

– Sua escolha né mano! - responde Pedro com um riso irônico.

Os meninos estavam no início dos anos 90 do século XX e o Ensino Médio era estudado em cursos técnicos. Os meninos estudariam o curso de Técnico em Administração, mais conhecido como ADM. Mas se quisessem ser professores, poderiam ter estudado magistério e poderiam dar aulas para crianças de 1ª à 4ª série.

Os portões da escola se abrem e os dois entram nessa longa jornada de muita diversão e aventuras que esses dois ainda vão passar por Santa Izabel do Pará.

Marcos e Pedro acabam ficando na mesma turma, o 1ºano A, e a felicidade foi muito grande, pois os dois eram inseparáveis. Ao chegaram na sala, sem conhecer ninguém, estavam calados, conversando somente entre eles mesmos, ou seja, a dupla dinâmica da sala!

Eis que, de repente, entra na sala de aula um professor de matemática, um tal de Senhor G.A. Pedro já não gostou porque era de matemática, afinal ele odiava matemática. Fala então para seu amigo:

– Meus Deus cara, Matemática não! Égua Marcos não te falei mano que eu não gostava de matemática mano!

Marcos responde: – Égua Pedro, deixa de onda doido, vai ser bom cara! Pense no seu futuro cara, te garanto que é só questão de aprender e lidar com ela.

Pedro então fala: – Tá espertão! - respondeu em tom irônico - Bora ver se tu vai se sair bem nessa matéria mano.

Marcos dá uma palavra de apoio ao seu amigo: – É só ter fé meu caro irmão!

Pedro responde: – É isso é verdade mano! Tenho certeza que sim! - mas mal Pedro termina de dizer a frase, o professor G.A. chama a atenção dos colegas e diz que da próxima vez ele vai separá-los na sala.

Na semana seguinte de aula, começaram as aulas de Educação Física. Os dois amigos chegaram na escola 15:30h, que era o horário programado e a professora aguardava a todos com um grande sorriso e com muitas propostas

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

de atividade. Por incrível que pareça, Marcos não era bom em Educação Física, era péssimo, só ia para fazer prova. Já Pedro era bom demais, era bom em vários esportes e sempre jogava futebol, basquete e vôlei. Entretanto, na maioria das vezes, não ia bem nas provas, mas fazia o possível para passar. Quase no final da aula, Marcos fala para Pedro:

– Mano, tu sabias que aí atrás do colégio tem uma piscina? No terreno da escola, tem uma parte pouco frequentada e nela existia uma piscina natural que era abastecida pelas águas de um igarapé pouco conhecido, que tem sua nascente no bairro Santa Rita de Cássia, mais conhecido como “Piçarreira”.

Pedro ficou curioso para conhecer o lugar e disse ao amigo:

– Ei Marcos, vamos lá depois da Educação Física, aí nós aproveitamos e chamamos umas minas também!

Marcos responde: – É pode ser mano!

Mas para os dois amigos a aula estava muito chata, então Marcos se antecipa e chama Pedro para irem logo até o local onde ficava a piscina natural. Pedro aproveita e sugere:

– Chama mais gente!

Nessa hora, Marcos lembra ao amigo que não conhece ninguém da turma deles e propõe que Pedro chame quem ele quiser. Pedro então diz:

– Tenho duas gatinhas em mente “mermão”! Dá pra chamar!

Marcos fica curioso para saber quem eram as garotas, mas Pedro fala:

– Ninguém importante, só minha prima Maria e minha amiga Célia.

Essas aí gostam da loucura!

Marcos então concorda e fala: – Bem... então chama elas, pelo menos pra fazer companhia né?!

Pedro olha para Marcos e pensa que o amigo é muito bobo, que ele deveria era dar uns beijos na prima dele, a Maria, pois era isso que ele ia fazer com a Célia.

Pedro aproveita e pede licença à professora, dizendo que vai ao banheiro, vira-se e sai em direção à casa das duas que moram bem próximo à escola. Ao chegar, Pedro chama sua prima Maria, a convida e pede que ela chame Célia, que era sua vizinha, para irem juntos conhecer a piscina na escola. Ele sabia que Maria tinha interesse em Marcos e aproveita para combinar com

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

a prima que poderiam ficar em dois casais aproveitando o lugar que parecia ser mais “reservado” que os outros igarapés da cidade. Juntos, os três retornaram à escola para encontrar Marcos no final da aula de Educação Física.

Marcos ainda na quadra de esportes da escola aguarda Pedro e pensa:

– Égua, que demora pra buscar duas meninas! Se eu soubesse que ia demorar tanto assim já tinha ido embora bicho!

Mas, ao olhar para trás, vê os três chegando. Logo ele reclama da demora e os três se desculparam de forma divertida. Pedro diz:

– Não demoramos quase nada, só o necessário para acabar a aula.

Marcos cumprimenta as meninas, muito envergonhado por ter reclamado e logo conta sobre o plano de irem conhecer juntos a tal piscina natural. Mas logo Marcos adverte aos outros:

– Temos que ir discretamente, sem ninguém nos ver. Acredito que a direção da escola não permita que alunos tenham acesso à essa área há muito tempo. O caminho deve ser difícil.

Quando todos se dirigiam para a parte dos fundos da escola, a professora de Educação Física percebe a movimentação e chama o grupo: – Jovens, aonde vocês estão indo?

O grupo, bastante assustado, permanece em silêncio e a professora continua:

– Se por acaso vocês estão pensando em ir até a piscina, é melhor desistir e retornar! Além da direção da escola não permitir o acesso ao local pelos alunos, já têm um longo tempo que o lugar não é usado para banho, então acredito que deva estar sujo e cheio de mato. Mas o pior é que há alguns anos ouvi dizer que o igarapé que abastecia a piscina com água corrente está contaminado. Então, vamos mudar os planos e é melhor todos irem para casa!

Os amigos não concordaram com os argumentos da professora, mas ela já estava sendo bem legal em não os levar até a diretoria. Em seguida todos foram saindo e Pedro fala para os amigos:

– Essa professora “ferrou” com nossa aventura e ainda usou essa desculpa de que o igarapé está poluído! Que esteja sujo eu acredito, mas poluído? E agora?

Marcos rapidamente propõe ao grupo.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

– Podemos marcar para ir a outro igarapé, quem sabe ao igarapé da Maria Pinto?! Só que hoje não dá mais, preciso ir para casa...

As meninas concordam e Pedro, mesmo não muito contente, também concordou. Depois desse dia, eles nunca mais conseguiram combinar a ida ao outro igarapé. Os anos do Ensino Médio se passaram, Marcos e Pedro se formaram e cada um seguiu seu caminho. Marcos foi fazer faculdade e, depois de formado, conseguiu trabalho em outro estado e foi embora. Pedro, como desejava foi trabalhar, como motorista de caminhão de frango em uma empresa do município.

Mais ou menos 15 anos depois, Marcos retorna á Santa Izabel do Pará. Casado, trouxe esposa e filhos para conhecer sua terra natal. Sempre falava para sua família das aventuras com seu amigo de infância, Pedro, e dizia que quando fossem conhecer o município lhes apresentaria o seu amigo e os locais que fizeram parte de suas aventuras, principalmente os igarapés nos quais os amigos se divertiam.

Ao chegar em Santa Izabel, Marcos procura a casa de seu amigo que, ao vê-lo, fica muito surpreso e lhe recebe com um caloroso abraço. Pedro exclama:

– Mano, quanto tempo! Você voltou ou veio apenas passear?

– Vim passear, matar a saudade e mostrar minha terra para minha esposa e meus filhos. Como nós somos amigos e minha vida aqui sempre foi aprontando junto com você, os trouxe para te conhecer! - falou Marcos.

– Nossa! Que prazer conhecer sua família! Eu também casei e tenho filhos. - disse Pedro.

– Eu conheço a sua esposa? - perguntou Marcos.

– Sim, claro! Eu casei com a Célia, aquela amiga da minha prima Maria. – respondeu-lhe Pedro.

Marcos sorriu bastante e disse rapidamente surpreendendo Pedro:

– Aquela mesma menina que você não conseguiu “ficar” por causa da professora de Educação Física?

– Sim, sim! Você lembra! - exclamou Pedro com um grande sorriso. Pedro, então, convidou todos a entrar em sua casa para tomar um café e conhecer sua família.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

Depois de entrar na casa de Pedro e de terem feito as apresentações entre as famílias, Marcos e Pedro começaram a conversar na sala enquanto os outros faziam um lanche na cozinha. As lembranças foram surgindo e Marcos teve uma ideia:

– Pedro, que tal se nós todos fôssemos agora, depois do lanche, tomar banho no igarapé da Maria Pinto? Podíamos aproveitar para tomar umas cervejas e mostrar para nossos filhos como nos divertíamos na infância!

Bem rápido e com muita tristeza Pedro responde:

– Ah meu amigo, lembra do que nos falou a professora de Educação Física no Antônio Lemos sobre o igarapé que estava poluído e eu duvidei? Então, pouco tempo depois que você se mudou da cidade, começou a ocorrer a ocupação dos terrenos que ficavam à margem do igarapé, inclusive o terreno que pertencia a D. Maria Pinto e, com isso, o igarapé foi sendo poluído com esgoto doméstico, fossas e sendo aterrado para a construção de moradias em suas margens...

– Meu Deus! - exclamou Marcos. - Deve estar tudo diferente!

– Bastante! Quero que você vá lá comigo e veja como está hoje. Não lembra em nada aqueles igarapés que existiam na nossa infância. Agora para tomar banho precisamos sair do centro da cidade. Eu sempre levo minha família ao Porto de Minas ou ao Caraparu.

Marcos muito triste fala ao amigo: – Gostaria de ir ver com você como está hoje.

Marcos e Pedro disseram às famílias que iam bem rápido ver um lugar ali próximo, mas que já voltavam para todos irem passear. Ao chegar à rua ao lado do igarapé, Marcos ficou de boca aberta. Nada recordava a paisagem de sua infância. As duas margens do igarapé agora eram habitadas e o rio hoje mais parece um pequeno córrego ou até uma vala de esgoto.

## *Contos de Rios: histórias izabelenses*

**IMAGEM 16 – Ocupação desordenada dos territórios (lixo nos rios)**



Os amigos lamentaram bastante como a ocupação da área levou ao fim daquele espaço de lazer e diversão, de encontro de muitas pessoas da cidade. Pedro disse a Marcos que o passeio não estava perdido, que ainda podiam ir levar seus filhos para aproveitarem juntos os rios do interior do município que ainda não estavam poluídos, pois a maior parte das suas águas não passavam pela parte urbanizada do município e com isso fortaleceriam sua amizade e os laços de suas famílias.

**A obra '*Contos de Rios: histórias izabelenses*' é uma coletânea de contos de aventura, fantásticos, de mistério, romance e memorialísticos escritos por alunos do ensino médio da Escola Estadual Marieta Emmi, apresentando a história de Santa Izabel do Pará tendo os rios como agentes centrais para a compreensão da relação entre a sociedade e a natureza.**

**LIGIA MARA BARROS RIBEIRO - Professora efetiva da SEDUC (PA), atua no ensino básico com turmas de Ensino Médio. É graduada em História (UFPA-2003), Especialista em História da Cultura Afrobrasileira e Africana (FIBRA-2010) e Mestranda da turma de 2018 do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História / PROFHISTÓRIA (UFPA/ANANINDEUA).**



**ISBN 978-65-5606-043-9**

